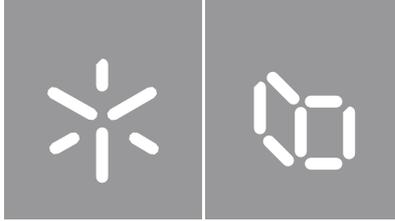


Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Maria Francisca Machado Olim Marote Henriques

**Ensino de Chinês Língua Estrangeira:
estratégias utilizadas nos Cursos Livres no
Instituto Confúcio da Universidade do
Minho**



Universidade do Minho

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Maria Francisca Machado Olim Marote
Henriques

**Ensino de Chinês Língua Estrangeira:
estratégias utilizadas nos Cursos Livres
no Instituto Confúcio da Universidade do
Minho**

Relatório de Estágio

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da

**Professora Doutora Bruna Patrícia Cardoso
Peixoto**

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal

CC BY-NC-SA

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Agradecimentos

À Professora Doutora Bruna Peixoto o meu agradecimento por todo o auxílio prestado ao longo do meu percurso académico e por me tranquilizar em todos os momentos do mesmo.

Ao Instituto Confúcio da Universidade do Minho e à Professora Bárbara um sincero obrigado pela oportunidade de viver o meu sonho de trabalhar na área do ensino.

A todos os docentes que me acompanharam durante o meu percurso académico, obrigada por acreditarem em mim e no meu potencial.

À minha família, obrigada por todo o apoio, amor e carinho. Aos meus incansáveis avós que estiveram lá para me confortar nos momentos mais difíceis, aplaudir todas as minhas conquistas e pequenos treinos de apresentações em chinês e ouvir atenta e entusiasticamente os meus relatos sobre o meu percurso. Aos meus pais que apoiaram desde sempre o meu sonho e escolhas e me deram confiança para encarar todas as adversidades. À minha irmã por ser um exemplo de força e superação para mim. À minha avó que, mesmo não estando cá, é a minha maior inspiração e influência na área do ensino. Esta vitória também é deles.

A todos os meus amigos e colegas.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Ensino de Chinês Língua Estrangeira: métodos utilizados nos Cursos Livres no Instituto Confúcio da Universidade do Minho

Resumo

Atualmente, o interesse na aprendizagem de chinês tem vindo a tomar grandes proporções, sendo cada vez maior a procura de instituições de ensino da língua chinesa não só por parte de jovens, como também por parte de adultos. O Instituto Confúcio da Universidade do Minho constitui uma referência no ensino de chinês, na medida em que disponibiliza opções para todo o tipo de aprendentes, em escolas básicas, bem como em cursos livres para adultos. O presente relatório aborda o funcionamento dos últimos ao longo dos três capítulos que o constituem, e tem como objetivo a análise das diversas estratégias utilizadas no ensino de Chinês Língua Estrangeira a adultos. Primeiramente, é feita uma apresentação ao Instituto Confúcio da Universidade do Minho, bem como das tarefas desempenhadas ao longo dos quatro meses de estágio na instituição. No segundo capítulo, faz-se a diferenciação entre aprendentes jovens e adultos e, posteriormente, uma abordagem sobre estratégias de ensino e o significado do estudo da cultura e acompanhamento de um professor que partilhe a mesma língua materna que os aprendentes durante o início da aprendizagem de uma língua estrangeira. Por fim, apresenta-se o desenvolvimento de conteúdos em formato PowerPoint para o ensino de chinês a cursos livres para adultos realizado ao longo do estágio.

Palavras-Chave: Chinês como língua estrangeira; Cursos Livres; Ensino de chinês; PowerPoint

Teaching Chinese as a Foreign Language: strategies used in open courses at University of Minho's Confucius Institute

Abstract

Currently, the interest in learning Chinese has reached great proportions, with an increasing demand for Chinese language teaching institutions not only by young people, but also by adults. The Confucius Institute of University of Minho is a reference in the Chinese teaching area, as it offers options for all types of learners, in basic schools, as well as in open courses for adults. This report addresses the functioning of the latter throughout the three chapters that constitute it. First, an introduction of University of Minho's Confucius Institute is made, as well as the tasks performed during the four months of internship at the institution. In the second chapter, a distinction is made between young and adult learners and, later, an approach to teaching strategies, and the significance of the study of culture and presence of a teacher who shares the same mother tongue as the learners during the beginning of learning a foreign language. Lastly, the development of content in PowerPoint format for Chinese teaching in courses for adult learners is discussed.

Keywords: Chinese as a foreign language; Chinese teaching; Open courses; PowerPoint

对外汉语教学: 米尼奥大学孔子学院汉语公开课的教学策略

摘要

近年来, 人们对学习汉语的兴趣越来越浓厚, 越来越多的年轻人和成年人开始寻求汉语教学服务。米尼奥大学孔子学院是汉语教学领域的知名机构, 它为有不同需求的学习者提供选择, 包括基础教育和成人自选课程。本报告介绍了米尼奥大学孔子学院成人汉语课程的运作方式, 分为三部分, 旨在分析成人汉语作为外语教学的各种策略。首先, 介绍了米尼奥大学孔子学院以及本人在该机构四个月的实习期间所承担的任务。第二章分析了年轻学习者和成年学习者的差异, 并探讨了相应的教学策略以及文化教学的重要性, 并提出了在初始学习外语阶段为学生配备母语相同的汉语教师的重要性。最后, 还介绍了作者在实习期间为成人自由课程开发的汉语教学课件的内容。

关键词: 对外汉语; 汉语教学; 课程; 教学课件

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I: Local de estágio.....	2
1. Local de Estágio.....	2
1.1. Escolha do estágio curricular e entidade acolhedora.....	2
1.2. Instituto Confúcio da Universidade do Minho.....	2
1.3. Tarefas.....	4
1.3.1. Desenvolvimento de material didático para Cursos Livres de Nível Básico I.....	4
1.3.2. Preparação e lecionação de aulas em escolas e cursos livres.....	6
1.3.4. Outras atividades.....	8
1.4. Ferramentas utilizadas durante o estágio.....	9
Capítulo II: Ensino de Chinês Língua Estrangeira: Métodos Utilizados com Aprendentes Adultos nos Cursos Livres do Instituto Confúcio da Universidade do Minho.....	11
2. Os aprendentes.....	11
2.1. Breve comparação entre aprendentes jovens e adultos.....	11
2.2. As vantagens do recurso a estratégias multimédia no ensino de Chinês Língua Estrangeira.....	15
2.3. A importância do uso da língua materna na iniciação ao estudo de Chinês Língua Estrangeira.....	18
2.4. O papel da cultura no ensino de Chinês Língua Estrangeira.....	22
Capítulo III: Lecionação de aulas e desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino de chinês.....	29
3. Lecionação de aulas.....	29
3.1. Aulas Culturais.....	29
3.2. Curso Livre.....	31
3.3. Desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino de chinês.....	38
3.3.1. A formatação e estética dos <i>slides</i>	39

3.3.2. A estrutura e conteúdo dos slides.....	41
3.4. Principais dificuldades	56
Conclusão	58
Bibliografia	60
Webgrafia	65
Anexos	67
Anexo I – Ficha de apreciação de desempenho de estágio.....	67

Índice de Figuras

Figura 1: Logótipo do Instituto Confúcio da Universidade do Minho	3
Figura 2: Componente cultural, lição 5 (versão chinesa e tradução inglesa)	26
Figura 3: Componente cultural, lição 15 (versão chinesa e tradução inglesa)	27
Figura 4: Aulas culturais no Instituto Confúcio	29
Figura 5: Primeiro slide da aula sobre “是……的”	31
Figura 6: Segundo slide da aula sobre “是……的”	32
Figura 7: Terceiro slide da aula sobre “是……的”	33
Figura 8: Quarto slide da aula sobre “是……的”	34
Figura 9: Quinto slide da aula sobre “是……的”	35
Figura 10: Sexto slide da aula sobre “是……的”	35
Figura 11: Sétimo slide da aula sobre “是……的”	36
Figura 12: Fundo dos slides desenvolvidos	41
Figura 13: Tipo de letra dos slides desenvolvidos	40
Figura 14: Primeiro Princípio de Instrução de Rosenshine	42
Figura 15: Tabela de vocabulário	43
Figura 16: Slide de revisão de pontos gramaticais 1	43

Figura 17: Slide de revisão de pontos gramaticais 2	44
Figura 18: Slide de revisão de exercícios 1	44
Figura 19: Slide de revisão de exercícios 2	45
Figura 20: Explicação do tom neutro	46
Figura 21: Explicação de sons aspirados e não aspirados	46
Figura 22: Slide com diálogo	47
Figura 23: Slide com palavra nova	48
Figura 24: Slide com funções da palavra nova	48
Figura 25: Segundo, quarto e nono Princípios de Instrução de Rosenshine	49
Figura 26: Explicação do ponto gramatical “了”	50
Figura 27: Exercícios sobre o ponto gramatical “了”	50
Figura 28: Explicação da negativa do ponto gramatical “了” e exercícios	50
Figura 29: Ensino dos números com lanternas chinesas	52
Figura 30: Ensino dos números com música	52
Figura 31: Jogo sobre os números	53
Figura 32: Vídeo sobre a expressão “请问”	53
Figura 33: Exemplo de diálogo a pares.....	54
Figura 34: Exemplo de exercício de final de aula	54
Figura 35: Exemplo de trabalho para casa 1	55
Figura 36: Exemplo de trabalho para casa 2	56

Introdução

Atualmente, o interesse na aprendizagem da língua chinesa tem vindo a crescer, resultando numa procura de instituições de ensino que adquiriu proporções nunca antes vistas. Este interesse tem sido notório não só por parte de jovens, mas também por parte de indivíduos adultos.

O presente relatório foi redigido no âmbito do Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial da Universidade do Minho e cobre a experiência do estágio realizado no Instituto Confúcio da Universidade do Minho, entre os meses de fevereiro e julho de 2022, o qual teve como finalidade o desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino de chinês em cursos livres destinados a adultos.

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho é uma instituição cujo objetivo principal tem por base a divulgação e ensino da língua e cultura chinesas. A sua atuação inclui a organização de aulas em diversas instituições de ensino do distrito de Braga, assim como o desenvolvimento de projetos e eventos de cariz cultural e formativo com respeito às temáticas que definem o seu propósito.

O primeiro capítulo deste relatório contém uma apresentação sobre a instituição em questão, as várias tarefas levadas a cabo durante os quatro meses de estágio e os materiais utilizados durante o mesmo.

O segundo capítulo, por sua vez, consiste num enquadramento teórico relacionado com o ensino de chinês a aprendentes adultos, incluindo temáticas como as diferenças entre alunos jovens e adultos, metodologias de ensino e a importância da cultura no ensino de chinês como língua estrangeira.

Por fim, no terceiro e último capítulo, é relatada a experiência de leção de chinês a aprendentes adultos, bem como o processo de desenvolvimento de materiais didáticos para este fim, incorporando as estratégias utilizadas na construção de materiais em formato PowerPoint a fim de serem utilizados em contexto de sala de aula, como ferramenta de auxílio ao ensino/aprendizagem de chinês ao nível de iniciação.

Capítulo I: Local de estágio

1. Local de Estágio

Neste capítulo é feito um resumo do processo de escolha do estágio curricular, acompanhado de uma apresentação do mesmo. Posteriormente, são descritas as tarefas realizadas no seu decorrer, a par das ferramentas auxiliares à sua realização.

1.1. Escolha do estágio curricular e entidade acolhedora

Quando confrontada com a opção de realizar um estágio curricular ou uma dissertação de mestrado, senti-me inclinada a seguir a via de um estágio com os olhos postos naquilo que pretendo que seja o meu futuro como profissional na área dos Estudos Chineses: o ensino da língua chinesa. Esta ambição foi o principal motivo pelo qual ingressei no Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Ensino, Tradução e Comunicação Empresarial e vi, assim, nesta opção uma oportunidade de experienciar aquilo que é o mundo do ensino de uma língua estrangeira e concluir se, de facto, tenho vocação para singrar no mesmo.

Assim sendo, enquanto navegava pelas opções e ideias que iam surgindo, apareceu aquela que me pareceu a via mais acertada para mim: um estágio no Instituto Confúcio da Universidade do Minho. Por um lado, dada a associação do mesmo à licenciatura e mestrado que frequentei, encontrava-me familiarizada com a sua ação e membros, por outro, este oferecia-me a possibilidade de trabalhar na área que pretendia, o ensino de língua chinesa, através da oportunidade de criar material didático para Cursos Livres de Nível Básico I no Instituto Confúcio da Universidade do Minho nas componentes de Escrita e Gramática.

Após o envio de uma candidatura com apresentação do meu Curriculum Vitae e uma entrevista com o conselho diretivo do Instituto Confúcio para definir os moldes do estágio, finalizou-se o acordo.

1.2. Instituto Confúcio da Universidade do Minho

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho tem as suas instalações no Campus de Gualtar, em Braga, junto à Biblioteca Geral. A sua instalação foi decidida após visita à Universidade do Minho por parte do Vice-Ministro da Educação, Dr. Zhang Xinsheng e o Vice-Director do Hanban (Gabinete Nacional de Divulgação do Chinês no Mundo), Dr. Zhao Guocheng em setembro de

2005. No mesmo ano, foi assinada a Declaração de Intenções para a instalação do Instituto Confúcio e entregue a Placa de identificação do mesmo ao Reitor da Universidade do Minho. No dia 5 de julho de 2006, durante a Conferência dos Institutos Confúcio do Mundo em Pequim, foi assinado o Protocolo de Execução do Instituto Confúcio, entre a Universidade do Minho e o Hanban.

Figura 1

Logótipo do Instituto Confúcio da Universidade do Minho



Nota. Logótipo do Instituto Confúcio da Universidade do Minho [Imagem]. (s.d.). Instituto Confúcio da Universidade do Minho. <http://www.confucio.uminho.pt/>

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho pretende prestar serviços a todo o tipo de entidades, públicas e/ou privadas, dentro dos seus fins estatutários e das suas possibilidades. Assim sendo, o Instituto desenvolve apoios ao nível do ensino do Chinês e de outras atividades de âmbito cultural e científico.

O principal objetivo deste Instituto é, desta forma, a promoção e divulgação da língua e cultura chinesas. Para tal, este dispõe de diversas atividades de índole educativa.

Dentro das atividades letivas destacam-se os Cursos Livres na Universidade do Minho (Chinês, Chinês como Primeira Língua e Chinês Turístico e Comercial) e o projeto Ensino de Chinês nas Escolas, que abrange uma série de instituições no distrito. O Instituto Confúcio da Universidade do Minho encontra-se, atualmente, presente em dezassete escolas, denotando-se uma procura crescente por parte das escolas no sentido de alocar aulas de chinês. Tem-se verificado, também, um maior interesse na aquisição de níveis mais altos de proficiência de língua. Os alunos querem dar continuidade à sua aprendizagem, não se ficando apenas pela iniciação, havendo um número crescente de alunos de níveis intermédios e avançados de língua.

Outros exemplos de ações incluem atividades culturais, tais como *workshops* (de gastronomia, caligrafia, jogos tradicionais, entre outros), celebrações de festividades chinesas, conferências, cursos breves e semanas temáticas com dinâmicas de cultura chinesa.

O Instituto Confúcio desempenha também um relevante papel a respeito do concurso Chinese Bridge, uma competição para estudantes estrangeiros sobre o domínio da língua e cultura chinesas, organizada pelo Instituto Confúcio Central, com o objetivo de promover o chinês a um nível global. O Instituto Confúcio da Universidade do Minho atua disponibilizando professores responsáveis por auxiliar e preparar alunos interessados no mesmo, havendo já histórias de sucesso com alunos de ensino secundário e universitário. Os participantes que chegam à fase final do concurso têm oportunidade de viajar para a China, para disputar o primeiro lugar na competição.

Além das atividades previamente mencionadas, o Instituto Confúcio da Universidade do Minho aloja a realização dos exames oficiais de língua chinesa, nomeadamente o Teste de Chinês para Jovens¹ (YCT, *Youth Chinese Test*), o Exame de Nível de Chinês² (HSK, Hanyu Shuiping Kaoshi), que compreende seis níveis de língua, e o Teste de Chinês Comercial³ (BCT, *Business Chinese Test*), providenciando aos participantes o único certificado oficial que prova o nível de língua do aprendente. Estes exames estão divididos em seis, quatro e dois níveis, respetivamente. Nas atividades letivas acima descritas, é feita preparação para certificação do nível de língua durante as aulas.

Também no âmbito do nível de proficiência na língua chinesa, é fornecida ajuda aos alunos do Instituto na sua candidatura a bolsas de estudo do Instituto Confúcio Central. A ponte feita entre os dois Institutos facilita o sucesso na aquisição de bolsa e garante uma maior probabilidade de estudar numa universidade chinesa.

1.3. Tarefas

No decorrer do estágio, foram desenvolvidas várias tarefas relacionadas com a preparação de materiais para o ensino de Chinês Língua Estrangeira, bem como aulas e exames oficiais de proficiência de língua.

1.3.1. Desenvolvimento de material didático para Cursos Livres de Nível Básico I

¹ 中小学生汉语考试 (*zhōng xiǎo xuéshēng hànyǔ kǎoshì*)

² 汉语水平考试 (*hànyǔ shuǐpíng kǎoshì*)

³ 商务汉语考试 (*shāngwù hànyǔ kǎoshì*)

Durante o primeiro mês de estágio foi estipulado um acompanhamento de aulas de língua chinesa com um máximo de 10 horas semanais. Estas 10 horas foram distribuídas por escolas do distrito de Braga e cursos livres ministrados na Universidade do Minho, sendo dada prioridade às aulas com relação com o tipo de conteúdos a desenvolver, no caso, cursos livres para adultos podendo, no entanto, assistir a qualquer tipo de aulas e níveis de ensino que fossem do meu interesse, uma vez que poderia, desta forma, acostumar-me com as diferentes vertentes do ensino da língua chinesa.

Esta observação teve como objetivo a familiarização com as atividades letivas e turmas, para aprendizagem e posterior seleção de cursos/turmas para uma experiência de lecionação.

Ao frequentar as escolas onde o Instituto Confúcio atua e cursos livres que disponibiliza, criou-se oportunidade de observar métodos utilizados pelos docentes e os conteúdos desenvolvidos pelos mesmos, algo fulcral à criação dos meus próprios conteúdos (objetivo final de estágio). Para além disso, foi-me possível analisar as diferentes turmas, a heterogeneidade existente entre si, e as dinâmicas inerentes às mesmas, bem como as estratégias adotadas pelos docentes para lecionar em cada uma delas.

Esta heterogeneidade está também presente ao nível dos docentes e, portanto, o acompanhamento de aulas serviu, também, como oportunidade para explorar as diferenças fundamentais entre o ensino ministrado por portugueses e por chineses. Apesar de haver já experienciado ensino não só por parte de professores portugueses, como também chineses e japoneses, as conclusões retiradas de um ponto de vista externo, como estagiária, diferem daquelas retiradas como aprendente, uma vez que o meu foco se encontrou no método propriamente dito e nos seus resultados a um nível global, ao invés de a um nível individual.

Com as noções retiradas a partir desta observação e com base nos exemplos e materiais que me foram sendo providenciados pelos diversos docentes do Instituto Confúcio durante este primeiro mês, pude começar a trabalhar no objetivo final do estágio: o desenvolvimento de material didático para Cursos Livres de Nível Básico I, correspondentes ao grau de HSK 1.

Devo mencionar que outro grande apoio ao desenvolvimento destes materiais teve por base um momento formativo que teve lugar aquando do início do estágio. Para além de uma apresentação sobre o Instituto Confúcio e os seus projetos e objetivos, foi-me dada uma formação onde pude ter uma noção prévia daquilo que seria a estrutura de uma aula de língua chinesa lecionada por um docente da instituição e, também, de como poderia criar aulas e materiais com recurso a algumas ferramentas complexas do Powerpoint. A importância deste momento deve-se

ao facto de, no mundo do ensino, ser de extrema relevância proporcionar aos alunos aulas e conteúdos dinâmicos, com inúmeras animações e estímulos para prender a atenção dos mesmos e alimentar a sua motivação.

Nos três meses que se seguiram, fiquei responsável por cinco lições por mês com base no manual de HSK1. O desenvolvimento de materiais foi feito “a pares”, em simultâneo, uma vez que o seu propósito é serem utilizados em aulas de oralidade e de escrita, cujo ritmo tem de estar sincronizado, para que o avanço na língua e lições do manual coincida semana após semana no decorrer dos cursos livres. Para assegurar que tal estava a ser concretizado, realizaram-se reuniões semanais com a orientadora e com o meu par de estágio, a minha colega Dong Sijia, que estava encarregue do desenvolvimento de materiais de oralidade e audição, para que fosse feita revisão de conteúdos e aconselhamento.

Estes materiais, desenhados à semelhança daqueles que são utilizados por professores no ativo, têm a finalidade de ser padronizados para uso de qualquer docente que necessite, em qualquer turma de nível HSK1, de utilizar os mesmos para aulas no Instituto Confúcio. Em situação real, cada docente poderá fazer as suas próprias alterações aos materiais, de acordo com as necessidades da turma e o ritmo a que estas progridem no ensino.

1.3.2. Preparação e lecionação de aulas em escolas e cursos livres

Na primeira semana de abril, e no seguimento da entrada da primavera, o Instituto organizou aulas culturais em todas as escolas onde atua, bem como cursos livres para jovens que têm lugar na universidade ou decorrem em regime online. Durante estas aulas, tive oportunidade de auxiliar os alunos na aprendizagem do nó e recortes chineses.

A importância desta iniciativa deve-se ao facto de, para envolver os alunos de forma mais eficaz na aprendizagem da língua, ser essencial o recurso a outros estímulos, como por exemplo, atividades com base em trabalhos manuais. Estas emergem também os aprendentes na cultura chinesa, aumentando o seu conhecimento sobre a mesma e sobre diversos costumes e o modo como o povo chinês age, o que é muito proveitoso para os aprendentes, sendo que uma compreensão profunda da cultura é um forte pilar ao exercício da língua. No caso, os alunos tiveram a oportunidade de experienciar em primeira pessoa algumas das atividades que têm lugar aquando da celebração do Festival da Primavera, enquanto eu, como estagiária, tive a possibilidade de trabalhar com turmas de diferentes dimensões e faixas etárias.

A importância do nó chinês remonta a festividades como a celebração do Ano Novo Chinês ou comemoração do Festival da Primavera. O nó ensinado nestas aulas foi o “nó Wan” (万字结, *wànzì jié*), um nó simples, ainda assim bastante importante na arte, que simboliza fortuna, longevidade e a reunião de ideias e virtudes auspiciosas. Numa tentativa de fortalecer laços intraturma, foi dada uma introdução ao nó, onde foi utilizada uma analogia sobre a nossa força (menor quando sozinhos, maior quando acompanhados), uma vez que o carácter de “nó” (结, *jié*) possui, também, significados como “ligar”, “conectar” ou “solidificar”. Foi, desta forma, explicitada a importância que este símbolo de fortuna e boa sorte transporta consigo. No caso do recorte, o carácter escolhido foi “春” (*chūn*, Primavera), adequado à época da entrada da primavera, que coincidiu com a realização destas aulas. Este carácter tem associados a si diferentes significados: primavera, jovialidade, vitalidade. A sua explicação trouxe aos alunos uma perspetiva diferente sobre a complexidade e versatilidade dos caracteres chineses, que adquirem diferentes sentidos consoante o contexto em que estão inseridos. Se a realização de atividades culturais for “apenas para animar o ambiente de sala de aula e por pura diversão, então terá pouca significância. Se for possível combinar cultura com diversão, matamos dois coelhos com uma cajadada só”⁴ (Ren, 2016, p.9). Por este motivo, é importante fornecer aos alunos explicações sobre as atividades desenvolvidas.

Após o primeiro mês de estágio, o qual foi dedicado à observação de aulas do Instituto Confúcio, foi feita a seleção de escolas e cursos a visitar para experiência de ensino. Neste âmbito, foi importante a escolha não só de uma escola básica, como também de um curso livre para adultos, para que pudesse usufruir da oportunidade de experimentar dois contextos de ensino diferentes, desenvolver conteúdo seguindo modelos apropriados a ambos e, por fim, ter uma perspetiva sobre aquele que se adequa melhor a mim como potencial futura docente. O objetivo principal desta experiência foi, assim, pôr em prática e à prova aquilo que absorvi durante o primeiro mês de estágio e, para a minha orientadora, avaliar a minha aptidão na execução desta tarefa.

Aquando da planificação, entrei em contacto com a docente que, por norma, dirige as aulas nas escolas e cursos de interesse, para delinear datas e conteúdos a lecionar, uma vez que poderia escolher de entre várias componentes, sendo estas vocabulário, gramática, exercícios e/ou jogos.

⁴ “如果只是活跃课堂气氛，纯粹为了玩，那它的意义就不大。而如果能“寓文化于乐”则会一举两得。” TdA.

Após definição dos cursos e turmas, comecei o desenvolvimento de *slides* para a porção de aula que me seria disponibilizada (com duração de 15 minutos), tendo em conta a componente escolhida, no caso, gramática.

1.3.4. Outras atividades

Ao longo do estágio prestei o meu auxílio a algumas iniciativas do Instituto, que destaco de seguida.

É pertinente mencionar a organização de materiais para a realização dos exames oficiais de língua chinesa HSK e YCT, com lugar na Universidade do Minho. Estes materiais incluíram, com base na listagem dos participantes, a organização de folhas de participação, materiais a serem dispostos na mesa de cada aluno inscrito, material de escritório obrigatório à realização do exame, posters informativos, sinais de orientação com o objetivo de ajudar os alunos a encontrar o local de exame, entre outros.

Esta atividade proporcionou-me uma noção diferente daquilo que são os exames oficiais de chinês, pois foi apresentada a perspetiva daquele que exerce a função de docente, ao invés da perspetiva que já havia experienciado como aluna, à data da realização dos meus exames oficiais de língua. Uma das funções que compete aos professores é a preparação de momentos de avaliação e, ainda que os exames de HSK constituam um método de avaliação de nível de língua, distinguindo-se, por este motivo, da avaliação em sala de aula, cujo objetivo é a averiguação da evolução da aprendizagem dos alunos, esta foi uma experiência enriquecedora.

A segunda atividade a destacar relaciona-se com o Concurso Chinese Bridge. Todos os anos o Instituto Confúcio da Universidade do Minho encoraja os seus alunos de nível secundário e universitário a participar no concurso Chinese Bridge, concurso este promovido pelo Instituto Confúcio Central e destinado a estudantes estrangeiros, onde é posta à prova a sua proficiência na língua chinesa e, caso assegurado um lugar nos dois finalistas, dada a oportunidade de viajar para a China e competir na etapa final.

No âmbito da preparação para participação no concurso, o Instituto Confúcio disponibiliza professores para acompanhar e auxiliar os interessados. No caso dos estagiários, estes ficaram encarregues de traduzir os materiais (originalmente em chinês) com informações pertinentes para os participantes. Estes materiais foram distribuídos por pares de estagiários com um membro de origem portuguesa e um membro de origem chinesa, para que a tradução fosse o mais precisa

possível, bem como natural e polida na língua de chegada, no caso, o português. A mim, bem como ao meu par, a minha colega chinesa Dong Sijia, foram atribuídos materiais destinados aos alunos de ensino secundário.

1.4. Ferramentas utilizadas durante o estágio

Durante o estágio foram utilizadas duas ferramentas principais para o desenvolvimento de material didático para Cursos Livres de Nível Básico I.

A primeira delas foi o programa Microsoft PowerPoint. Apesar de ter trabalhado com o mesmo durante todo o meu percurso académico, desconhecia algumas das suas ferramentas para a criação de exercícios animados ou jogos didáticos, as quais tive oportunidade de explorar com a ajuda de uma das docentes do Instituto num momento formativo previamente mencionado. Num contexto de aula, diapositivos representam uma grande ajuda no ensino e aprendizagem das matérias, servindo de base para a apresentação simplificada e acessível de material, conteúdo audiovisual, exercícios para toda a turma em simultâneo, jogos, entre outros. Este programa constitui, desta forma, não só uma muleta para o professor, como também para o aluno, e os documentos que foram sendo criados puderam ser facilmente partilhados e editados entre mim, a minha orientadora na instituição e os demais docentes.

A segunda ferramenta utilizada durante o estágio foi um manual de língua chinesa disponibilizado pelo Instituto Confúcio para servir de apoio à criação dos documentos PowerPoint: o livro HSK Standard Course 1.

Este livro foi desenvolvido para iniciantes que precisem de adquirir noções e competências básicas de língua chinesa, com o objetivo de preparar os mesmos para a realização do primeiro nível do exame oficial de chinês, o HSK I (汉语水平考试一级, *Hànyǔ shuǐpíng kǎoshì yījī*). Para tal, o manual oferece, ao longo de 15 lições, materiais e propostas de atividades ao nível da escrita, leitura e gramática, bem como ao nível da oralidade e audição.

Cada uma das 15 lições presentes no manual aborda um tema diferente e segue a seguinte estrutura: 1. Palavras novas; 2. Três diálogos; 3. Pontos gramaticais e exemplos; 4. Exercícios; 5. Pinyin (拼音⁵, *pīnyīn*); 6. Caracteres chineses; 7. Atividades de par/grupo; 8. Curiosidades culturais.

Com recurso a estas duas ferramentas, fiquei encarregue do desenvolvimento de materiais em formato de *slides*. Foi designado que deveria seguir a estrutura e conteúdos gerais do manual,

⁵ Sistema de romanização do mandarim padrão, desenvolvido pelo governo chinês.

no entanto, foi-me dada total liberdade para abordar os últimos da forma que achasse adequada ao tipo de alunos a que o material se destinava. Pude, desta forma, explorar formas variadas de navegar e expor os conteúdos de língua, bem como criar exercícios e materiais diferentes daqueles que são propostos pelo livro, para que os alunos pudessem ter acesso a diferentes tipos de abordagem e aplicação de conhecimento. Uma vez que o manual que serve de base às aulas se encontra em inglês, este material constitui também um instrumento de ensino e aprendizagem mais acessível a docentes e aprendentes que tenham como língua materna o português.

Por fim, relativo a questões de comunicação interna, foi estipulado que todo o contacto com docentes e a direção dos projetos de ensino fosse feito através do aplicativo Whatsapp e/ou via email, caso fosse necessário anexar documentos.

Capítulo II: Ensino de Chinês Língua Estrangeira: Métodos Utilizados com Aprendentes Adultos nos Cursos Livres do Instituto Confúcio da Universidade do Minho

2. Os aprendentes

Os aprendentes a que se refere este capítulo dividem-se em duas categorias, jovens e adultos, sendo os últimos todos aqueles com idade igual ou superior a 18 anos. Segue-se uma análise das suas motivações, métodos de estudo, diferenças comportamentais e possíveis dificuldades a enfrentar na sua instrução.

2.1. Breve comparação entre aprendentes jovens e adultos

Previamente à análise dos métodos utilizados com aprendentes adultos no ensino de Chinês Língua Estrangeira (LE), é importante não só analisar aquilo que caracteriza este grupo, como também aquilo que o distingue dos lecionandos jovens.

Segundo Papa-Gusho e Biçaku-Çekrezi (2014, p. 63-64), “um aluno adulto é produto de uma cultura e determinadas circunstâncias políticas, sociais e económicas”.⁶ Assim sendo, estes poderão apresentar uma grande variedade de competências, experiências pessoais e profissionais, ocupações, *backgrounds* culturais e personalidades, moldadas pelos contextos onde se desenvolveram e/ou encontram. Por este motivo, estes poderão, por norma, mostrar-se mais motivados na aprendizagem de matérias que possam ter relação com ou relevância nestes enquadramentos. Por sua vez, os aprendentes jovens carecem ainda de uma influência mais profunda dos fatores externos previamente mencionados e os mesmos, por norma, não diferem drasticamente de criança para criança.

Outra das distinções fundamentais que pode ser estabelecida entre aprendentes jovens e adultos diz respeito ao papel da aprendizagem nas suas vidas e as suas motivações para aquisição de conhecimentos. A prontidão dos jovens para aprender diz respeito ao seu desenvolvimento académico e biológico e ao facto de, nesta fase das suas vidas, o seu principal dever ser o estudo. No caso dos aprendentes adultos, “(...) esta [aprendizagem] está mais diretamente ligada a necessidades, quer sejam de cumprimento dos seus papéis como trabalhadores, cônjuges, pais, entre outros, ou gestão de mudanças nas suas vidas, como separações, reformas ou luto” (Papa-Gusho & Biçaku-Çekrezi, 2014, p. 70). Estes fatores limitam o tempo disponível para o estudo e

⁶ Todas as traduções de obras não portuguesas são tradução do autor (TdA).

revisão de matérias e obrigam a uma triagem da apuração dos conteúdos que serão apresentados a cada um dos grupos, de forma a garantir que os mesmos vão ao encontro dos seus objetivos e necessidades. É também importante sublinhar que a decisão de um adulto quanto ao ingresso na aprendizagem de uma nova língua concerne-lhe, por norma, unicamente a si, enquanto é comum, no caso das crianças e jovens, que a escolha parta dos seus pais ou responsáveis legais.

Fang (2018, p. 655) sublinha a importância de ter em atenção as “características próprias dos adultos na aprendizagem de línguas”. O autor reforça a necessidade de determinar o objetivo da aprendizagem e a direção que esta deverá seguir, contruindo um sistema de treino de língua e diz-nos que “existem fatores limitantes da eficácia na aprendizagem de línguas, como estrutura cognitiva, inteligência e não inteligência. Como um grupo de aprendizagem distinto, os alunos adultos têm um nível cognitivo especial, características e diferenças de personalidade, e singularidade ao aprender línguas” (Fang, p. 655). Com base nestes fatores, conclui que o ensino terá de ser adaptado àqueles a quem se destina, pois cada aluno poderá responder de forma distinta a métodos, técnicas e atividades diferentes.

O Instituto Confúcio da Universidade do Minho atua, essencialmente, a dois níveis: escolas básicas do distrito de Braga e cursos livres com lugar no campus de Gualtar da Universidade. Ao longo do primeiro mês de estágio, o denominado mês de observação, tive oportunidade de frequentar aulas dadas em várias destas escolas e cursos e recolher informação pertinente para o estabelecimento da comparação mencionada.

De uma forma geral, as turmas de ensino básico que visitei eram multiculturais, com alunos de diferentes nacionalidades, e por norma compostas por alunos de turmas diferentes do mesmo ano escolar.

A primeira escola que visitei foi a EB 1,2 de Lamações, onde a língua chinesa é lecionada em turmas numerosas nas quais se verifica, por consequência, alguma agitação. No entanto, os alunos mostram-se bastante concentrados e entusiasmados na realização de jogos e atividades semelhantes. Em segundo lugar, visitei a EB 2,3 André Soares, onde a turma de nível I é bastante numerosa, multicultural e com vários tipos de aluno (mais e menos participativos). A turma de nível II não tem tantos alunos quanto a de nível I, o que torna mais fácil motivar cada aluno individualmente a sentir-se à vontade para colaborar com as atividades da aula. Assisti, também, com regularidade às aulas do Colégio Teresiano, onde a turma tem uma dimensão bastante reduzida em comparação com as anteriores. A turma é, conseqüentemente, mais calma e cooperativa, uma vez que é possível chegar a todos os alunos e apelar à sua atenção. Na EB 2,3

Gualtar a turma é relativamente numerosa, mas os alunos mostraram-se sempre participativos e ordeiros.

Pude verificar que, neste nível de ensino, na sua maioria, os alunos sentem-se bastante entusiasmados no ato de participar e ir ao quadro pois veem o seu empenho reconhecido. Há também uma mudança de postura quando são introduzidas canções, jogos, competições de grupos ou a pares, entre outros, tornando-se mais visível a motivação e vontade de participar dos alunos. Quando as aulas se baseiam apenas na transmissão de matéria do professor para os alunos, estas tornam-se monótonas para os últimos, o que abre espaço para mais distração entre os mesmos.

Relativamente aos Cursos Livres do Instituto Confúcio, frequentei as aulas de três deles: Básico I e Intermédio I de Língua e Cultura Chinesas e Chinês Turístico e Comercial Básico I.

Abordarei, agora, com mais pormenor cada uma delas.

A turma de Língua e Cultura Chinesas Básico I é jovem, constituída maioritariamente por alunos universitários, alunos estes que pedem que as professoras expliquem de novo, que escrevam caracteres no quadro, mostram vontade de saber e aprender mais, não tendo medo de errar e pedir clarificações.

A turma de nível Intermédio I, por sua vez, é constituída por trabalhadores de diversas áreas, que manifestam grande vontade de aprender, sendo bastante diligentes na realização das tarefas de aula e de casa. É notório que estes se mostram muito curiosos sobre factos e anotações sobre cultura chinesa e esta é a chave para dinamizar a aula.

Em Chinês Turístico e Comercial Básico I, comparativamente com outras turmas de curso livre, a turma não se demonstra, no geral, tão entusiástica, o que pode ter que ver com a dinâmica interna da turma, influência de fatores externos, tais como trabalho, ou o facto de, no caso deste curso, as duas aulas semanais de língua chinesa se encontrarem condensadas no mesmo dia.

As turmas de curso livre são bastante heterógenas não apenas no sentido em que podemos encontrar indivíduos provenientes de diferentes *backgrounds* culturais, como também na medida em que se trata de alunos universitários e/ou trabalhadores de diversas áreas que, conseqüentemente, adotam diferentes posturas e possuem diferentes objetivos de aprendizagem.

Quando em comparação com as turmas de ensino básico, nos cursos livres, verifica-se um maior à vontade nos alunos para interagir entre si. No entanto, quando o foco é reservado a um aluno, este sente-se, por norma, mais constrangido. São exemplo disso situações de resposta em voz alta ou ida ao quadro. Este fenómeno de inibição diverge daquele presenciado em turmas

mais jovens. Tornou-se claro ao longo do mês de observação que, neste tipo de turma, um ensino mais formal resulta bem, sendo, no entanto, o recurso a jogos ou outros estímulos também bastante eficaz.

A este nível já não se pode adotar jogos da mesma natureza que aqueles que são utilizados no ensino básico, pois o seu estilo e dinâmicas infantis não vão cativar aprendentes adultos da mesma forma. No entanto, não é impeditivo à aposta em jogos ou atividades que dinamizem as aulas e tornem a aula mais versátil e cativante para os alunos.

Tratando-se de alunos mais independentes e que não requerem o mesmo nível de supervisão, é possível apostar em desafios diferentes.

2.1.1. Conclusões

Por ausência de um contacto prolongado com cada uma das turmas, é difícil tirar inúmeras e específicas conclusões sobre cada uma delas. Ainda assim, é possível concluir que a dinâmica difere bastante entre turmas do ensino básico e turmas de cursos livres.

Algumas das conclusões retiradas durante a observação são suportadas pelo facto de “crianças serem externamente motivadas pela promessa de bons resultados, elogios de professores e pais e admiração de colegas, enquanto que adultos são mais frequentemente internamente motivados, pelo potencial de sentir autovalorização e atingir sucesso” (Papa-Gusho & Biçaku-Çekrezi, 2014, p. 71).

Nas turmas de ensino básico, há mais dispersão em contexto de aula e, por consequência, mais necessidade de atenção e controlo constante do ambiente da sala por parte do professor. A raiz do problema pode residir no fator de ausência de escolha própria quanto à aprendizagem de chinês. Nas turmas de cursos livres, sendo estas por norma menos numerosas e tendo os alunos ingressado nos cursos por vontade própria, o ambiente é menos agitado e os alunos mantêm-se focados a tempo inteiro. O facto do estudo da língua chinesa representar uma ferramenta a nível académico e profissional para estes estudantes pode também constituir um fator que contribui para esta diferença. Dada a faixa etária em que se encontram, estes têm, no geral, também mais facilidade em partilhar opiniões, colocar dúvidas e comunicar com o professor.

2.2. As vantagens do recurso a estratégias multimédia no ensino de Chinês Língua

Estrangeira

Os avanços tecnológicos influenciaram as demais áreas da sociedade e, uma vez que o ensino tem vindo a sofrer grandes transformações na sua metodologia, é importante que todos os profissionais se adaptem de forma a tirar proveito desta nova era.

Como uma tecnologia educacional moderna, a tecnologia multimédia desempenha um papel óbvio no ensino. Primeiramente, o ensino multimédia é visual e fácil de estimular o interesse dos alunos em aprender, o que torna o ensino em sala de aula animado. Em segundo lugar, pode promover a aquisição de conhecimento pelos alunos e melhorar a eficiência da sala de aula. Por fim, a tecnologia multimédia pode construir um ambiente de aprendizagem ideal, propício à aprendizagem independente dos alunos. (Tang, 2019, p.1)

O ensino de chinês não é exceção, e a utilização de recursos multimédia durante as aulas de chinês tem-se mostrado bastante vantajosa para a promoção de um ambiente de aprendizagem mais rico. No combate à distração, o ensino com apoio de tecnologia multimédia é capaz de “melhorar a atenção dos alunos, não apenas melhorando a sua eficiência de aprendizagem (...), mas também a sua capacidade de observação. Isto porque o ensino pode combinar as palavras enfadonhas dos manuais com sensações visuais e auditivas vívidas” (Tang, 2019, p. 659).

Depois de analisar diversos manuais internacionais de língua estrangeira, Wang et al. (2023) concluíram que existem lacunas na apresentação do conteúdo linguístico e cultural nos manuais de línguas estrangeiras, ressaltando, no entanto que “os materiais didáticos utilizados como objeto de pesquisa nos estudos realizados são estáticos e isolados. No ensino presencial, o uso de materiais didáticos é dinâmico e é complementado pela interação constante entre professores e alunos”⁷ (Wang et al., 2023, p. 2469). O recurso a estratégias multimédia poderá, então, auxiliar o docente na compensação das lacunas existentes nos manuais de ensino.

Nos últimos anos, tem sido cada vez mais recorrente a utilização do PowerPoint como ferramenta auxiliar de ensino por parte dos professores de línguas. Por um lado, as apresentações

⁷ “这些研究中作为研究对象的教材是静态的、孤立的。而在实际的课堂教学中，教材的使用是动态的，是在与教师和学生不断地互动中完成的”。TdA.

PowerPoint oferecem a possibilidade de integrar facilmente materiais multimédia, tais como imagens, áudios, vídeos ou jogos; por outro, constituem uma alternativa aos quadros de ardósia, cujo uso não só pode comprometer o ritmo de aula, como também dificultar a aprendizagem, uma vez que muitas vezes os conteúdos dispostos no quadro são ilegíveis para alguns alunos. No entanto, um estudo sobre o uso de PowerPoint concluiu que “os alunos reclamam principalmente do ritmo dessas aulas (por ser muito rápido), sobrecarga de informação nos slides e dificuldades em lê-los devido ao uso de fontes pequenas” (Masih et al, 2020, p. 3). Apesar dos benefícios proporcionados pelas apresentações PowerPoint, é importante refletir sobre a necessidade de desenvolver materiais adequados aos alunos e adaptar propriamente a quantidade de matérias e o ritmo a que são lecionadas para que a aprendizagem seja bem-sucedida.

No caso do ensino de chinês, este era tradicionalmente conduzido com auxílio de quadros de ardósia e manuais de língua, o que, a longo prazo, se apresentava como um obstáculo à motivação dos aprendentes, que viam as aulas como monótonas e sem vida. Gao (2019, p. 1181) diz-nos que no contexto do ensino de CLE “professores qualificados não devem apenas ser proficientes no idioma e hábeis em pedagogia e comunicação, mas também alfabetizados em tecnologia e facilitadores da aprendizagem com recurso a novas tecnologias ou uso mais eficaz das tecnologias existentes”. De acordo com Wu et al. (2020, p. 3), algum do conteúdo abstrato presente nos manuais de língua chinesa “só pode ser compreendido através de palestras repetidas e memória forçada, o que é demorado, trabalhoso e chato. Mas usando o ensino multimédia, podemos transformar as coisas abstratas concretas, para que os alunos as compreendam facilmente”. Tal alternativa atua no combate a um ensino árduo e frustrante para os aprendentes que, confrontados com conteúdos difíceis de digerir e assimilar, podem desmotivar e desistir.

Apesar disso, seria irrealista pensar que um ensino baseado em materiais multimédia poderá substituir por completo o ensino tradicional, no qual o docente é a figura central da aprendizagem, expondo os conteúdos e métodos numa comunicação unidirecional para com alunos, para que estes os memorizem. Tal atribui-se ao facto de que “ainda existem muitos méritos dos métodos tradicionais, como as instruções dos professores ou manuais na sua forma mais duradoura” (Yang, 2013, p. 6503), pelo que é importante encontrar o equilíbrio entre os dois métodos. A transmissão de conhecimentos simples e fáceis de explicar é efetiva seguindo uma abordagem tradicional. Ainda assim, quando desafiados com matérias mais complexas, os alunos podem tirar partido da assistência de recursos multimédia para ajudar na sua compreensão e solidificação, uma vez que os sentidos visual e auditivo são ambos utilizados para absorver

informação. Desta forma, “a aprendizagem torna-se autêntica e sólida porque [os alunos] encontram uma boa correspondência entre o pensamento discutido na teoria e como ele precisa de ser aplicado na prática” (Ahmed 2018, p. 41).

O recurso a estratégias multimédia apresenta vantagens ao desenvolvimento de todos os aspetos linguísticos. Ao nível da oralidade e audição, a reprodução de áudios, vídeos, músicas, e contacto com falantes nativos promovem o aperfeiçoamento das competências de compreensão oral do aluno. Este não só poderá contactar com conteúdo autêntico e melhorar a sua pronúncia, como também aprender novas expressões ou adaptar-se aos diferentes sotaques existentes na China. Por outro lado, jogos de reconhecimento de caracteres chineses ou animações com a explicação da ordem de traços a seguir na escrita dos mesmos, poderão servir como uma ferramenta útil ao desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura.

Uma grande parte dos manuais de língua chinesa apresenta situações impossíveis de serem abordadas apenas por meio de uma abordagem tradicional, pelo que “apresentações multimédia podem mostrar aos alunos essas situações de maneira vívida, além dos limites de tempo, espaço e outros fatores objetivos” (Yang, 2013, p. 6503). Ainda que os textos e diálogos presentes nos manuais de língua sejam indispensáveis à aprendizagem da mesma, existem fatores transversais a esse conteúdo linear, como a linguagem corporal ou traços culturais do país a ser estudado. Desta forma, poderá ser mais eficaz fornecer aos aprendentes vídeos ou animações demonstrativas sobre estas questões do que descrevê-las sem apoio de auxiliares visuais e/ou auditivos. Estes contextos comunicacionais abrem espaço à aplicação devida dos conhecimentos previamente adquiridos. “Numa aula em que os atores dos vídeos atuam de forma vívida, os alunos podem ter um acesso mais fácil à linguagem comunicativa” (Yang, 2013, p. 6504), fortalecendo o domínio da aplicação dos conteúdos aprendidos em contextos reais.

Outra das grandes vantagens associadas ao ensino apoiado de tecnologia multimédia é a promoção da interação entre professores e alunos. A inclusão de materiais como vídeos ou jogos nas apresentações constitui um grande estímulo à dinamização das aulas e comunicação entre os participantes, contudo os benefícios vão mais além. Esta inclusão “pode acelerar o progresso de ensino. O que essa vantagem traz é que professores e alunos têm mais tempo para comunicar, o que favorece a construção de uma boa atmosfera de comunicação entre professores e alunos” (Chen, 2021, p. 660). A aproximação entre docentes e aprendentes é uma das chaves para o cultivo de um ambiente em que os últimos se encontram confortáveis e motivados para aprender,

e “somente por meio de comunicação e interação profundas entre professores e alunos, os alunos poderão dominar o conhecimento que precisam de aprender” (Chen, 2021, p. 660).

No entanto, e apesar das inegáveis vantagens trazidas pela adoção de elementos tecnológicos no ensino de línguas, é importante atentar em algumas questões. Como pudemos ver, dois dos grandes problemas inerentes à utilização de recursos multimídia podem passar pelo aumento do ritmo de aula e a apresentação excessiva de informação, que dificultará a assimilação de conteúdo, afetando, assim, a aprendizagem. Para além disso, existem cinco aspetos a explorar numa língua, a saber, audição, oralidade, escrita, leitura e dimensão cultural, pelo que, para os ensinar de forma eficaz, terão de ser adotadas estratégias diferentes para cada um deles. Em exercícios práticos de audição, o mais natural será recorrer a áudios em chinês, no entanto, por outro lado, na explicação das particularidades culturais de uma língua, os estudantes poderão tirar mais proveito da reprodução de conteúdos autênticos tais como vídeos, programas televisivos, segmentos de notícias, entre outros. Desta forma, os alunos poderão não só desenvolver habilidades de compreensão auditiva e ampliar o seu vocabulário, como também aprofundar as suas noções sobre a vertente cultural. Gao (2019, p. 1191) defende que um professor não pode esperar que “uma única ferramenta atenda a todos os objetivos de sala de aula. No contexto do ensino de CLE, fazer a distribuição da tecnologia multimídia pelos domínios do idioma é um passo para aprender como aplicá-la corretamente”. Por este motivo, o professor terá de estudar quais os melhores estímulos para cada uma destas componentes, bem como fazer uma adaptação dos mesmos, evitando a sua sobrecarga, de forma a garantir que o foco é encaminhado para os conteúdos fulcrais da língua.

Ainda que o recurso exclusivo a tecnologia multimídia não seja viável para o ensino de línguas, a sua incorporação num método tradicional apresenta várias vantagens. Se a sua adoção for feita na medida certa, “melhorará muito a eficiência do ensino da aquisição do idioma e promoverá a combinação do ensino de elementos linguísticos e a aquisição de habilidades linguísticas” (Yang, 2013, p. 6503).

2.3. A importância do uso da língua materna na iniciação ao estudo de Chinês Língua Estrangeira

Estudar língua é diferente de estudar sobre a língua. No segundo caso, o alvo de estudo são descrições da língua. No entanto, no primeiro caso, aprender uma língua significa, em primeira

instância, ser capaz de usar a língua, por outras palavras, “comunicar”. Tal implica não só ser capaz de usar a modalidade escrita (comunicação verbal-escrita) da mesma, como também a oral (comunicação verbal-oral). Para interagir e transmitir mensagens na Língua Estrangeira, desenvolvem-se estas competências durante as aulas de língua.

Durante as últimas décadas o tópico do uso da língua materna para o ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira tem sido alvo de controvérsia. Por um lado, este uso é visto como uma ferramenta auxiliar ao ensino, por outro é considerado um obstáculo à aprendizagem da língua-alvo, ou seja, a língua estrangeira a ser aprendida.

Numa abordagem tradicional, no método gramática-tradução, a aprendizagem de uma nova língua é feita a partir da língua materna dos aprendentes com recurso à tradução e leitura de textos literários na língua estrangeira. Esta abordagem enfatiza conhecimento das regras gramaticais, a memorização de vocabulário de forma isolada, isto é, sem contexto, e o ensino da forma estrutural da língua, ignorando a sua função comunicativa. Assim sendo, este método levanta preocupações no sentido da possível produção de erros na língua estrangeira por influência das noções da língua materna dos aprendentes, podendo representar também um obstáculo ao desenvolvimento de competências comunicacionais.

A aquisição da linguagem não requer uso extensivo de regras gramaticais conscientes e exercício tedioso.

A aquisição requer interação significativa na língua-alvo – comunicação natural – na qual os falantes estão preocupados não com a forma dos seus enunciados, mas com as mensagens que estão a transmitir e compreender. (Krashen, n.d.)

Ainda assim, o linguista defende que a língua materna pode funcionar como um iniciador de enunciado quando o aprendente tem de produzir na língua-alvo, numa instância em que ainda não adquiriu o suficiente da língua estrangeira para o fazer. Desta forma, a ocorrência de erros na LE por influência da primeira língua pode simplesmente constituir um indicativo de baixa aquisição que poderá ser, através do consumo natural e uso da língua, reduzida ou até eliminada.

Sabemos que o problema reside no facto de o chinês ser uma língua viva, dada a sua dimensão comunicativa, e que a maior lacuna desta abordagem se encontra no privilégio da língua escrita em detrimento da língua falada. No entanto, para explicitação de regras gramaticais, vocabulário e explicação de conteúdos, o uso da língua materna é imprescindível numa fase inicial pois garante que os alunos conseguem compreender as matérias e instruções que lhes são

apresentadas. Um aprendente de chinês de língua materna portuguesa, por exemplo, dificilmente poderá, quando num primeiro contacto com a língua chinesa, compreender aquilo que lhe é apresentado se não houver recurso à língua com a qual está familiarizado.

No caso do chinês, Halliday (2014), com base na sua experiência de ensino da língua, defende ainda que os melhores professores para alunos adultos no início do seu estudo são aqueles que falam a sua língua materna, ao invés de nativos chineses, uma vez que “iniciantes maduros são mais bem ensinados por pessoas que aprenderam o idioma de uma perspetiva externa, como eles próprios estão a fazer” (Halliday, 2014, p. 3). Acrescenta também que os mesmos precisam de explicações genuínas dos padrões e princípios da língua e que, só num estágio mais tardio, deverão ser introduzidos os falantes nativos, quando os aprendentes tiverem dominado as noções básicas da língua chinesa. Professores não-chineses poderão, através das suas experiências, antecipar as potenciais dificuldades dos aprendentes, uma vez que não se encontram equipados com aquilo que muitas vezes são, na verdade, mitos sobre a língua. Isto é, um professor de origem chinesa poderá considerar erroneamente um elemento da língua como o mais difícil de assimilar e dominar por parte dos alunos estrangeiros e enfatizá-lo durante as suas aulas, falhando na identificação dos elementos que merecem, de facto, mais atenção e reforço. Outros autores apoiam esta posição, afirmando que “é necessário desenvolvimento profissional para que os professores (nativos) desenvolvam pedagogia intercultural num contexto global” (Du et al., 2017, p. 8), uma vez que existe, de facto, uma tendência para estes tornarem Chinês Língua Estrangeira uma tarefa mais árdua. Xiong e Eamorphon (2020, p. 243) consideram que os “professores não-nativos têm expectativas mais realistas dos estudantes”, o que pode deixar iniciantes mais confortáveis durante a aprendizagem da língua. Uma vez seguros, estes sentir-se-ão mais confiantes para empregar os novos conhecimentos adquiridos.

Wang (2010) estudou o uso do inglês como língua franca no ensino de chinês para falantes de outras línguas e defende que o seu uso durante a aprendizagem de uma nova língua serve três propósitos: o metodológico, o social e o cognitivo. Enquanto o metodológico diz respeito ao esclarecimento de significados e matérias para assegurar compreensão dos conteúdos, o social tem relação com o uso da língua materna para elogiar, encorajar ou instruir os aprendentes. Por fim, “os benefícios cognitivos podem ser especialmente relevantes em contextos de aprendizagem onde a carga cognitiva de muitas tarefas é pesada e as habilidades na língua-alvo dos alunos são limitadas” (Wang, 2010, p. 14). O recurso a uma língua com a qual os alunos estão familiarizados e se encontram confortáveis a comunicar beneficiará não só as práticas de instrução dos

professores, como também o processo de aquisição dos aprendentes. Um outro estudo referente ao uso da língua materna para o ensino de chinês a estudantes do Sri Lanka conclui que “a maioria dos alunos prefere instrução bilingue ou trilingue na sala de aula, onde se espera que a sua língua materna, cingalês ou inglês, envolva instruções, descrições e esclarecimentos de elementos linguísticos da língua-alvo” (Dassanayake, 2021, p. 27).

Deste modo, “a função mais proeminente do uso da L1 é envolver os alunos com menor proficiência e os introvertidos nas atividades de sala de aula. Como resultado, estes verão uma melhoria significativa na sua motivação” (Jalaluddin, 2022, p. 26). A motivação constitui um dos maiores motores para aprendizagem e, através do uso da primeira língua dos alunos, o professor poderá maximizar a eficiência das suas atividades educativas. Jalaluddin (2022, p. 25-26) destaca, ainda, num estudo que compreende a visão de três professores de língua, outras vantagens deste uso. Estas incluem criar conexões mais próximas entre professores e alunos, facilitar a partilha de *feedback*, acelerar o processo de aprendizagem, uma vez que este deixará de estar dependente apenas da língua-alvo, ou promover a compreensão intercultural por comparação de aspetos culturais ou explicação de conceitos inexistentes na primeira língua dos alunos.

Por fim, Brooks-Lewis (2009, p. 234), considera o recurso à língua materna dos alunos “uma metodologia centrada nos aprendentes que não apenas permite, mas convida os mesmos a envolver-se ativa e conscientemente na experiência de aprendizagem da língua”, uma vez que as suas experiências e conhecimentos são colocados no centro do processo pedagógico.

Assim sendo, e ainda que uma exposição contínua à língua-alvo constitua uma das melhores ferramentas para familiarizar os alunos com a mesma e motivá-los a desenvolver competências comunicacionais na língua, não podemos ignorar a importância da criação de um contexto de aprendizagem confortável para os aprendentes, para que possam maximizar as potencialidades do seu estudo. Tal poderá passar pelo auxílio da sua língua materna uma vez que com “a ativação apropriada do seu uso durante aulas de língua, os alunos não se irão sentir perdidos, inibidos ou desorientados” (Şenel, 2010, p. 114).

O ideal para uma aprendizagem completa e efetiva a longo prazo passaria, assim, por atingir um equilíbrio entre abordagens, de forma a combater as lacunas do método tradicional, focado na vertente escrita da língua, e as lacunas da abordagem direta, a qual defende a criação de um contexto linguístico sem intervenção da língua veicular ou explicitação de regra, uma vez que, num nível inicial, este seria um desafio demasiado paralisante para os aprendentes.

Posteriormente, a língua veicular deverá ser gradualmente abandonada, para que os alunos possam ser doutrinados num contexto com recurso exclusivo à língua estrangeira.

No caso dos Cursos Livres do Instituto Confúcio da Universidade do Minho, o ensino é repartido em dois tipos de aula: gramática e escrita, e oralidade e audição. As primeiras são sempre dirigidas por docentes portugueses e, por norma, são as primeiras a ser lecionadas. Isto é, aquando da aprendizagem de uma lição, é sempre dada a componente gramatical primeiro, partindo-se, depois, para a oral. Desta forma, os alunos consolidam os conhecimentos-base a absorver, apoiados de explicações em português, para poderem, então, partir para desafios de natureza oral.

As aulas de oralidade e audição, em contrapartida, são conduzidas por docentes chineses. Por um lado, os alunos, já cientes dos conteúdos, terão mais facilidade em aplicá-los nos exercícios deste tipo de aula, por outro, poderão ser orientados por alguém dotado de uma pronúncia nativa, que os poderá ajudar na correção de erros de pronúncia, envolvê-los num ambiente cultural mais autêntico e habituá-los ao uso exclusivo de chinês no contexto de sala de aula, abrindo espaço para a eliminação da dependência na língua materna para a comunicação.

2.4. O papel da cultura no ensino de Chinês Língua Estrangeira

A cultura é a bagagem intrínseca a nós, que carregamos diariamente, a todo o momento e para qualquer parte, sem nos apercebermos de tal. Um conhecimento sobre a mesma ajuda-nos a compreender um povo e o seu modo de interagir, trabalhar, liderar, se organizar, se relacionar, e de ver o mundo. Consequentemente, diferentes culturas têm inerentes a si diferentes estilos sociais e comunicacionais, o que nos transporta para a dimensão linguística.

A língua e cultura são conceitos indissociáveis. A cultura “é tão central para o sistema de ensino de línguas que dificilmente é possível falar sobre esse sistema sem que a palavra cultura apareça nas primeiras frases” (Gaeini & Basirizadeh, 2011, p. 1). Por um lado, a língua é veículo da cultura, uma vez que é através da primeira que a segunda se dissipa. Por outro, a língua é um elemento da cultura e foi gerada e sofreu alterações de acordo com o contexto cultural em que está inserida. Há, portanto, uma relação de interdependência entre os dois conceitos, uma influência mútua entre estas duas noções que se moldam entre si. O estudo da cultura revela-se, assim, imprescindível quando se aprende uma língua estrangeira.

As muitas propriedades da linguagem não são independentes, mas interpenetram-se umas com as outras, pelo que, o domínio das ferramentas básicas da língua:

Será inevitavelmente acompanhado pela introdução e exportação de cultura. Para a mesma cultura, trata-se mais de herança e troca [cultural], mas, para culturas diferentes, trata-se mais de choque e progresso. Atribuo esta função da língua à sua natureza cultural, que pretende expressar os fatores culturais transportados pela língua. Se os aspetos instrumentais e culturais da língua estão maioritariamente integrados na vida quotidiana das pessoas comuns, a sua importância reflete-se em todos os aspetos, desde a conversação e o entretenimento folclórico até aos choques culturais internacionais.⁸ (Qiao, 2019, p. 47)

Segundo Liu (2009), a aprendizagem e aquisição de uma cultura é tão importante quanto aprender a língua propriamente dita uma vez que, a partir desta compreensão, poderemos aprofundar o estudo, encorajá-lo a longo prazo e resolver possíveis mal-entendidos na língua. Liu defende, também, que a evolução no estudo da língua chinesa caminha paralelamente ao aprofundamento das noções sobre a cultura do país.

Num mundo moderno e multicultural, os falantes de línguas estrangeiras devem ser capazes de usar a língua de acordo com as normas da respetiva comunidade, e têm de estar cientes do que pode ou não ser dito como parte do seu comportamento linguístico. Os falantes devem ter em consideração a situação, as circunstâncias, o tópico, o nível de formalidade esperado, o nível de conhecimento do seu parceiro e os cenários culturalmente sensíveis. (Kovács, 2017, p. 77)

A par da oralidade, audição, leitura e escrita, “tradicionalmente, os professores de línguas listaram a cultura como um dos cinco principais objetivos do estudo de uma segunda língua” (Gaeini & Basirizadeh, 2011, p. 3). No entanto, o ensino da dimensão cultural não é, por norma, tratado com tanta atenção e urgência quanto os demais elementos o que, anexado à sua complexidade, pode resultar em limitações e conflitos quando o falante der o salto para um contexto real. Deste modo, “embora alguns livros forneçam exemplos autênticos de situações da vida real, sem conhecimento cultural de base, essas situações dificilmente são compreendidas pelos alunos. Quando tentam comunicar com estrangeiros usando o conhecimento que possuem, podem cometer inúmeros erros” (Feng & Eamoraphan, 2020, p. 265).

O Confucionismo, conhecido por influenciar ainda nos dias de hoje o pensamento chinês, considera o equilíbrio e harmonia das relações humanas como sendo a base de uma sociedade.

⁸ “必将伴随着文化的传入和输出,对于同一文化而言更多的是传承和交流、而对于不同文化中更多的是碰撞和完善。我将语言的这一作用归纳于语言的文化性,意在表达语言承载着的文化因素。如果说语言里的工具性和文化性大多融入了普通民众的日常生活中,小到说话交谈、民俗娱乐大到国际之间的文化碰撞在方方面面都体现着它的重要性”。TdA.

A comunicação apresenta-se como um processo interpretativo constante, no qual todas as partes procuram desenvolver e manter relações sociais, designando-se comunicação para relação, ao invés de comunicação para informação. Por este motivo, a forma como o povo chinês comunica será particular e deverá ser tida em conta quando comunicamos na língua.

A comunicação não depende apenas de gramática correta, mas também de dizer a coisa acertada no contexto. No entanto, um aprendente de uma língua estrangeira, que deseja ser adotado numa outra sociedade, já possui o seu próprio *background* cultural original e também tem certos objetivos específicos nas comunicações; de modo que manter um equilíbrio entre as culturas será um desafio. Consequentemente, as pessoas têm de decidir o que dizer e a quem, como se expressar e aceitar o que as pessoas dizem dentro de um contexto cultural. (Liu, 2009, p. 16)

Feng e Eamoraphan (2020) evidenciam o exemplo dos cumprimentos na cultura chinesa. Em português, a regra, quando cumprimentamos alguém, será dirigir-lhe um “Olá!” ou “Tudo bem?”. No entanto, na China é comum dizer-se “你去哪儿?” (*Nǐ qù nǎ'ěr?*, “Onde vais?”) ou “你吃饭了吗?” (*Nǐ chī fàn le ma?*, “Já comeste?”) em jeito de saudação, ao invés de “你好” (*Nǐ hǎo!*, “Olá!”). Os autores reconhecem que estas saudações visam mostrar preocupação e cuidado. No entanto, uma vez que “alguns ocidentais têm um forte senso de privacidade, a mesma saudação poderá ser vista como rude para eles” (Feng & Eamoraphan, 2020, p. 269-270).

Um exemplo que funciona em sentido contrário diz respeito ao significado de “cão” na cultura chinesa em contraste com a perspectiva ocidental. Se, por um lado, estabelecer comparações com um cão na cultura ocidental, no que diz respeito a relações interpessoais, remete para um elogio, uma observação sobre lealdade, uma vez que “o cão é o melhor amigo do homem”, na China a expressão, muitas vezes, carrega consigo uma conotação negativa. No Ocidente comumente ouvimos a expressão “leal como um cão”, no entanto, na China podemos encontrar a expressão “猪朋狗友” (*zhū péng gǒu yǒu*, amigos porcos e cães), que significa “camaradas dissolutos”. A falta de conhecimento sobre tais diferenças culturais poderá gerar conflitos num contexto comunicativo.

Li (2021), num estudo sobre estudantes internacionais de chinês, descobriu que estes, ainda que possam dominar vocabulário suficiente à comunicação, cometem erros na utilização do mesmo, e apontou alguns deles como erros culturais. Li defende que no dia-a-dia “podemos tolerar alguns erros de pronúncia ou gramática, mas se percebermos que, durante o processo de

comunicação, a outra parte viola as normas [culturais], poderão ocorrer conflitos culturais sérios, o que fará com que as pessoas se sintam infelizes”⁹ (Li, 2021, p. 27). Para uma comunicação eficiente, é necessária prática não só em comunicação linguística, como também cultural. Durante a mesma “os alunos entendem a conotação cultural por trás da língua. Essa conotação é o que não pode ser expresso por palavras. A verdadeira conotação só poderá ser revelada através do choque e comparação entre diferentes culturas”¹⁰ (Li, 2021, p. 27).

Segundo Kovács (2017, p. 82-83), a prevenção de tais conflitos por parte dos professores de língua poderá passar por estratégias como: o recurso a materiais de fontes autênticas, tais como revistas, jornais, menus, entre outros; encenações e simulações, com a inclusão de objetos com bagagem cultural; e a introdução de idiomas e provérbios. Através destas atividades, os aprendentes poderão não só refletir sobre a sua própria cultura, como também estabelecer comparações entre a sua língua materna e a língua-alvo e adquirir noções mais profundas sobre a última que os poderão ajudar de um ponto de vista orientado para a prática e exercício da língua em circunstâncias reais.

Uma metáfora frequentemente usada para descrever a língua e cultura é o *iceberg*, em que a língua e uma pequena porção da cultura constituem a parte visível e a parte invisível é atribuída aos restantes aspetos culturais. Jiang (2000, p. 328-329) propõe três novas metáforas para esta relação, com base em três pontos de vista diferentes: filosófico, comunicativo e pragmático. Filosoficamente, para o autor, a cultura seria o sangue que dá vida à carne (a língua); numa abordagem comunicativa, a comunicação é o ato de nadar, apenas possível através da habilidade de nadar (língua) num corpo de água (cultura); de um prisma pragmático, a cultura é o semáforo que regula a circulação do veículo (língua), promovendo ou impedindo a transportação (comunicação).

Para um aprendente será importante perceber os níveis de cultura relativos ao país de origem da língua a ser estudada, para que consiga perceber o seu povo, as suas mensagens, e, assim, comunicar eficientemente. Estes níveis englobam comportamentos e artefactos (visíveis, assumidos, tendencialmente situados no plano consciente), convicções e valores (balizas de valor, por outras palavras, “o que se diz”), e premissas básicas (invisíveis, tendencialmente localizadas no plano pré-consciente, sendo “aquilo que se crê e pratica”). O domínio de um repertório destes

⁹ “在日常的交流中，我们可以容忍对方出现一些语音或是语法上面的错误，但是如果在交流的过程中发现对方违反常规，严重的甚至出现文化冲突，这就让人感到不愉快”。TdA.

¹⁰ “在训练的过程中，学生明白语言背后所代表的文化内涵，这种文化内涵是用语言表达不出来的，只有通过不同文化之间的碰撞、对比，方能显示出其中真正的内涵”。TdA.

conhecimentos, bem como capacidades inatas e comportamentos adotados permitem-nos lidar de forma eficaz com outra cultura. Tendo uma noção profunda destes níveis, conseguiremos fazer ajustes comportamentais e ao nível da comunicação e interação para evitar situações complexas e confusas.

Perante o exposto, percebe-se que um profundo conhecimento sobre a cultura chinesa é indispensável no ensino e aprendizagem da língua, tendo em conta que a descodificação é feita segundo o contexto, contexto este proveniente do enquadramento cultural. Só é atingida proficiência quando há compreensão dos diversos elementos, traços e rituais culturais da China.

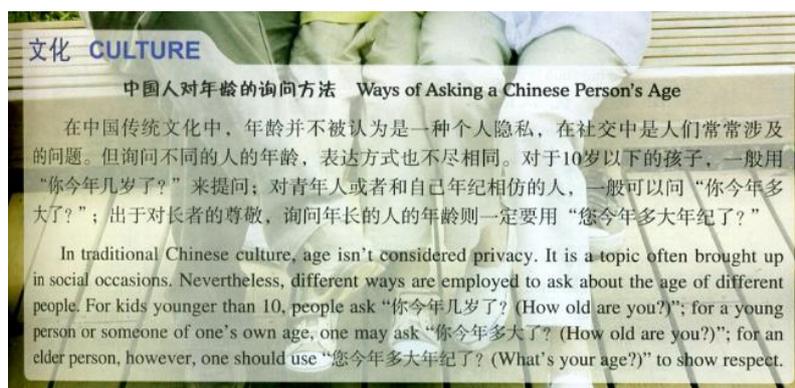
Para Martins (2007, p. 2), “aprender uma língua estrangeira vai muito além do simples contato e conhecimento da língua-alvo, são processos comunicativos e educativos que abarcam questões políticas e ideológicas, culturais e sociais”. As autoras Aires e Mozzillo (2018, p. 207) acrescentam que “aprender uma língua, além de ser o desenvolvimento do domínio funcional de um novo código linguístico, é também a construção da capacidade de interpretar e relacionar-se com uma realidade sociocultural diferente”.

Por este motivo, no manual de língua adotado nos Cursos Livres do Instituto Confúcio da Universidade do Minho, existem secções dedicadas exclusivamente ao ensino de elementos culturais, que auxiliam no estudo das componentes das lições.

Apresento alguns exemplos:

Figura 2

Componente cultural, lição 5 (versão chinesa e tradução inglesa)

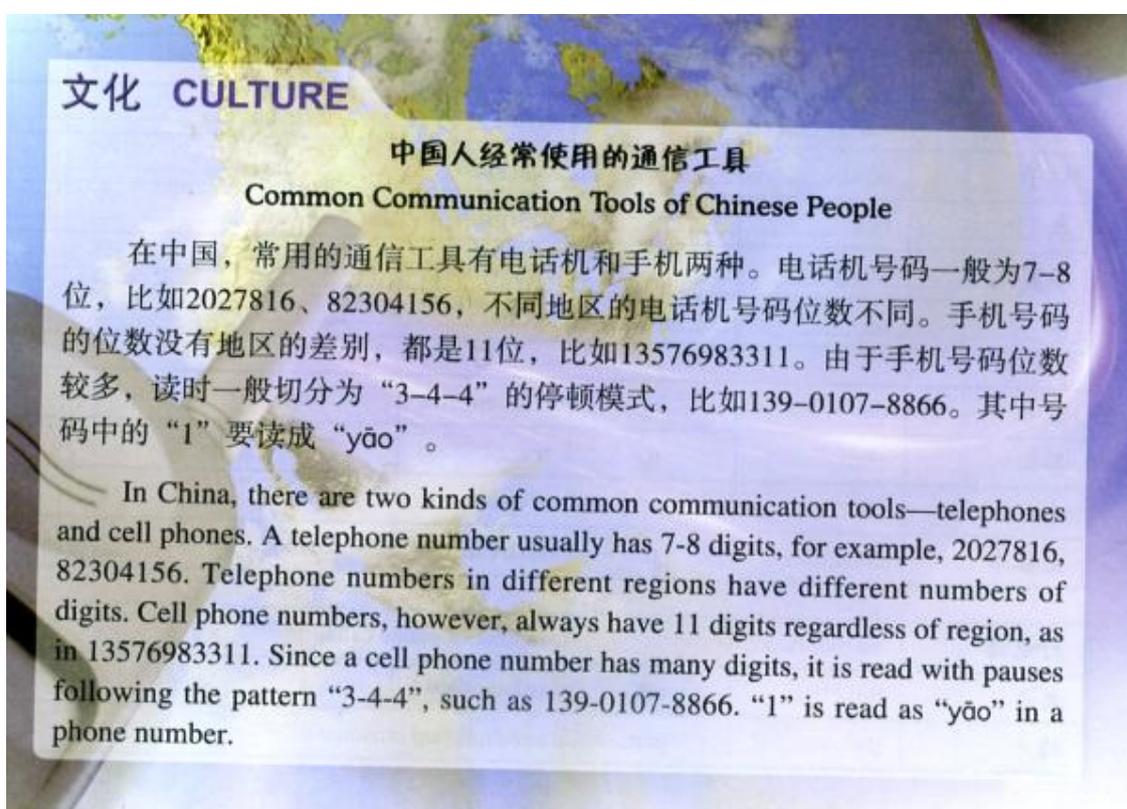


Nota. Excerto sobre a idade na cultura chinesa. Liping, J. (2014). *Standard Course HSK 1*. Beijing Language and Culture University Press.

Quando o aluno aprende a perguntar a idade a alguém em chinês, aprende um ou vários modelos para o fazer, tais como os apresentados na Figura 2. No entanto, na ausência de uma explicação sobre a cultura chinesa no que tem que ver com a idade, o aluno não sabe em que contexto usar estes modelos. Com recurso aos conhecimentos de cultura que constam no livro, este poderá concluir que colocar uma questão sobre a idade em chinês irá adotar as seguintes formas, consoante o respeito a ser demonstrado ao recetor.

Figura 3

Componente cultural, lição 15 (versão chinesa e tradução inglesa)



Nota. Explicação sobre os dígitos dos números de telefone chineses. Liping, J. (2014). *Standard Course HSK 1*. Beijing Language and Culture University Press.

O número “um” (1) em chinês escreve-se “一” e pronuncia-se “yī”. Apesar de poder assumir diferentes tons consoante o carácter que o segue, o número um é, por norma, lido como “yi” em qualquer situação. Os números de telefone constituem uma exceção.

Um aluno que esteja a aprender chinês, ao ler os dígitos que constituem um número de telefone, instintivamente terá tendência a ler o número em questão da mesma forma que aprendeu a ler o numeral 1. No entanto, neste caso, como podemos observar na Figura 3, ele adquire uma leitura diferente: *yāo*. Na falta de uma explicação sobre a cultura chinesa no que diz respeito a esta questão, o aluno não teria conhecimento sobre o funcionamento da língua numa situação desta natureza.

Estes pequenos exemplos enfatizam a importância de um ensino que englobe não só elementos linguísticos, como também elementos culturais, pois as duas dimensões mostram-se indissociáveis, já que sem uma, não se percebe a outra.

Capítulo III: Lecionação de aulas e desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino de chinês

3. Lecionação de aulas

A experiência de ensino, repartida em aulas de cultura chinesa e aulas de HSK1, será descrita ao longo do presente capítulo. Em simultâneo, será feita a ligação entre os conteúdos desenvolvidos, as aulas lecionadas e a teoria presente no capítulo II do presente relatório, a qual atuou como base para as opções tomadas no decorrer do estágio.

3.1. Aulas Culturais

Ao contrário daquilo que havia sido planeado, não foi possível lecionar a aula de Chinês prevista para ser dada a alunos do ensino básico. Ainda assim, a experiência de guiar a aprendizagem deste tipo de alunos deu-se na forma de aulas práticas de índole cultural, onde tive oportunidade de orientar, ao nível do ensino do nó chinês, diversas turmas de alunos entre os 11 e 16 anos. Ainda que se trate de uma componente de natureza não-teórica, foi possível perspetivar as dinâmicas que têm lugar entre os docentes e as turmas em questão.

No total, participei em seis aulas culturais, tendo estas tido lugar nas Escolas Básicas de Nogueira, Lamações e Palmeira, no Colégio Teresiano, e nos Níveis III e IV no Instituto Confúcio da Universidade do Minho.

Figura 4

Aulas culturais no Instituto Confúcio



Como representado na Figura 4, em algumas destas aulas auxiliei a professora Maria Emilia Dias no ensino do nó chinês, tendo posteriormente ensinado também de forma autónoma. A atividade baseou-se primeiramente na distribuição de materiais para a realização do nó, nomeadamente placas de cortiça, alfinetes e linha. Depois, demonstrei, a par da professora, os

passos a seguir, acompanhados de uma pequena história para facilitar a memorização e execução dos mesmos. Por fim, ajudei os alunos nos diversos procedimentos, que podiam ser, à primeira vista bastante confusos, principalmente pelo facto de se encontram dispostos em círculo ao longo das mesas e perspetivarem o processo de ângulos diferentes daqueles de quem está a ensinar. A explicação foi feita em português, para que fosse acessível a todos os alunos.

Uma vez que as turmas nas quais se realizou esta atividade possuíam diferentes dimensões, esta divergência possibilitou a formulação de diferentes conclusões. Em turmas menos numerosas, assumir o controlo das atividades tornou-se, como pude antecipar, mais fácil. Para além disso, cientes de que a atenção dos docentes estava permanentemente focada em si, os aprendentes escutaram e executaram as atividades com mais cuidado e regra do que o verificado em grupos de maiores dimensões. Ainda que este se classifique como um ponto positivo, também foi notório que, menos descontraindo, os aprendentes acabaram por não demonstrar tanto entusiasmo quanto os membros dos grupos previamente mencionados.

Em turmas de maior dimensão, o principal desafio passou por captar a atenção de todos os envolvidos, bem como orientá-los de forma bem-sucedida, garantindo que todos estavam capazes de acompanhar o ritmo de ensino e realizar a atividade em concordância com o mesmo.

Esta dificuldade vai ao encontro daquela que pude verificar durante o período de observação. A mesma não se verifica unicamente devido ao quão numerosa uma turma é, verifica-se também devido à faixa etária em que nos situamos. O esforço para guiar uma turma jovem, com a energia tipicamente associada à idade, é muito superior àquele executado no âmbito de lecionar uma turma de aprendentes adultos, com motivos e objetivos diferentes na área da aprendizagem da língua chinesa e, conseqüentemente, posturas distintas quando comparado com crianças e jovens.

No geral, este tipo de aula, quando em comparação com as aulas teóricas às quais tive oportunidade de assistir, trouxe aos alunos uma maior motivação para aprender. Por um lado, devido à menor seriedade associada ao ensino, que não era passível de ser avaliado em regime formal e, por outro, devido ao facto de se tratar de uma atividade que quebrou a rotina do ensino a que se encontram acostumados. Verificou-se, na realização desta dinâmica, a importância da inserção de elementos de natureza cultural aquando do estudo da língua a si inerente, o quão imprescindível é, a um nível inicial, o acompanhamento por parte de um professor que partilhe a mesma língua materna que os aprendentes (caso contrário, teria sido muito difícil conduzir a atividade) e o quão vantajoso é diversificar o tipo de conteúdos apresentados às turmas, pois os

alunos beneficiam bastante de aulas versáteis, adicionando motivação ao seu estudo da língua, culminando numa melhor aprendizagem da mesma.

Finalmente, um dos aspetos mais gratificantes desta experiência foi a oportunidade de ensinar também a docentes chineses a arte do nó chinês, pois não imaginei poder trazer novos conhecimentos sobre a cultura chinesa a pessoas nativas.

3.2. Curso Livre

A minha experiência de ensino de chinês deu-se com a turma de Curso Livre de Língua e Cultura Chinesas Básico I, composta por alunos universitários.

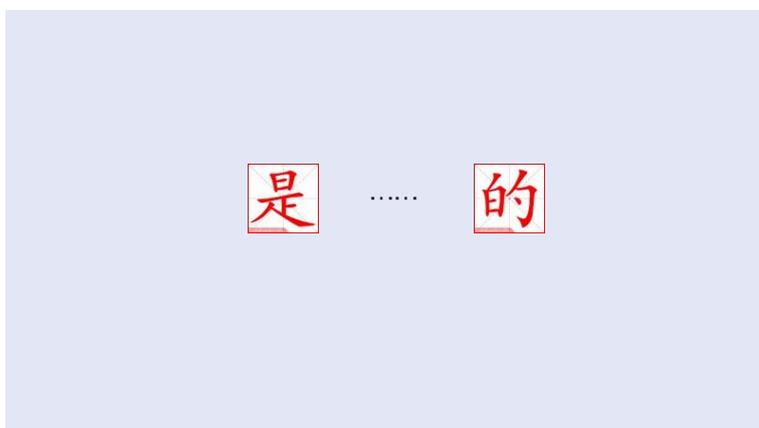
Com base no tipo de abordagem adotada no ensino da escrita e gramática dos Cursos Livres do Instituto Confúcio da Universidade do Minho, comecei o desenvolvimento de materiais didáticos para fornecer apoio a este mesmo ensino.

Num tipo de aula mais expositivo, é crucial, na possibilidade de auxílio com slides, que estes forneçam pequenas explicações e resumos esquemáticos dos conteúdos a ser lecionados.

A minha experiência de leção teve por base o ponto gramatical “是… …的”. Tendo em conta que a sua função é enfatizar determinados elementos frásicos, é necessário que, aquando do seu ensino, os alunos já tenham noções e bases sólidas de língua na criação e interpretação de frases.

Figura 5

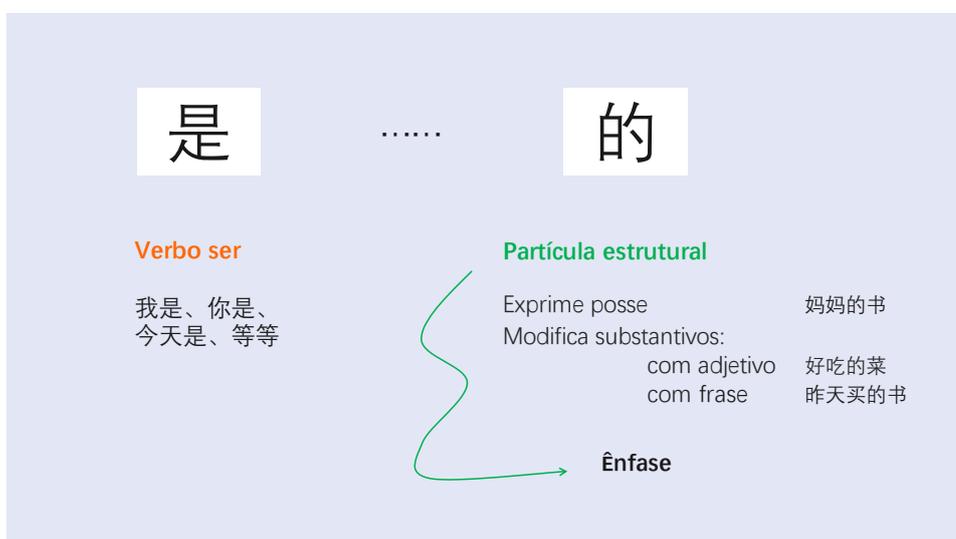
Primeiro slide da aula sobre “是……的”



A Figura 5 representa o primeiro diapositivo da minha apresentação, uma simples exposição daquilo que seria ensinado: o ponto gramatical “是… …的”. Optei por este slide simples pois o objetivo seria os alunos convocarem, autonomamente, aquilo que sabiam sobre o ponto, uma vez que a docente responsável pelo ensino de gramática no Curso Livre em questão tinha preparado os alunos para a aprendizagem desta gramática, recomendando-lhes um a visualização de um vídeo sobre a mesma como trabalho de casa.

Figura 6

Segundo slide da aula sobre “是……的”



O segundo diapositivo, tal como demonstrado na Figura 6, foi dedicado a uma análise das componentes da estrutura “是… …的”. A estrutura é composta pelo verbo ser (是, *shì*) e por uma partícula estrutural (的, *de*), que pode assumir várias funções, tais como, exprimir posse, modificar substantivos com adjetivos ou frases ou enfatizar elementos frásicos. Com exceção da última função da partícula 的, os conteúdos haviam sido previamente aprendidos pela turma. O objetivo deste segundo slide era avaliar os conhecimentos dos alunos, questionando-os sobre as funções dos elementos, antes de lhes providenciar um resumo das mesmas.

A turma demonstrou dominar os conteúdos mencionados, tendo, uma grande parte dos aprendentes, por iniciativa própria, enunciado os significados e funções dos mesmos após eu os mencionar.

Figura 7

Terceiro slide da aula sobre “是……的”

A estrutura “是 …… 的” pode ser usada para enfatizar o **onde**, **quando** ou a **forma** como uma ação/acontecimento ocorreu.
Por exemplo:

Sujeito	是	Tempo/Local/Forma	Verbo	的
我	是	和朋友来这儿		的。

Entrando naquilo que é o ponto gramatical propriamente dito, para auxiliar a minha explicação sobre o mesmo, compus um diapositivo que apresenta, inicialmente uma frase simples na língua chinesa. Posteriormente, uma animação insere o “是” e o “的” na frase, exercendo a ênfase daquilo que se encontra entre os dois elementos que compõem a estrutura.

Com a turma, primeiramente fiz a descrição do ponto gramatical. Expliquei novamente a sua estrutura, bem como as suas funções (ênfasis no tempo, local ou modo como uma ação é realizada) e a forma como pode ser aplicado numa frase. Apresentei a frase simples em chinês e pedi que alguém procedesse à sua leitura e tradução. Concluído este passo, iniciou-se a animação de inserção do “是……的” na frase. Foi então que analisei, em conjunto com a turma, de que forma havia o mesmo influenciado o sentido da frase.

Inicialmente tínhamos a frase “我和朋友来这儿” (Eu e o meu amigo viemos para cá). Com a transformação para “我是和朋友来这儿的”, demonstrada na Figura 7, é destacado o

modo como realizei a ação, sendo realçado que “eu vim para cá **com o meu amigo**”, não sozinho, não com outra pessoa qualquer.

Na ausência de dúvidas, passámos ao *slide* seguinte.

Figura 8

Quarto slide da aula sobre “是……的”

是 [elemento a ser enfatizado] 的

你们是怎么来商店的?	→	forma
我是昨天来的。	→	quando
这是在北京买的。	→	onde

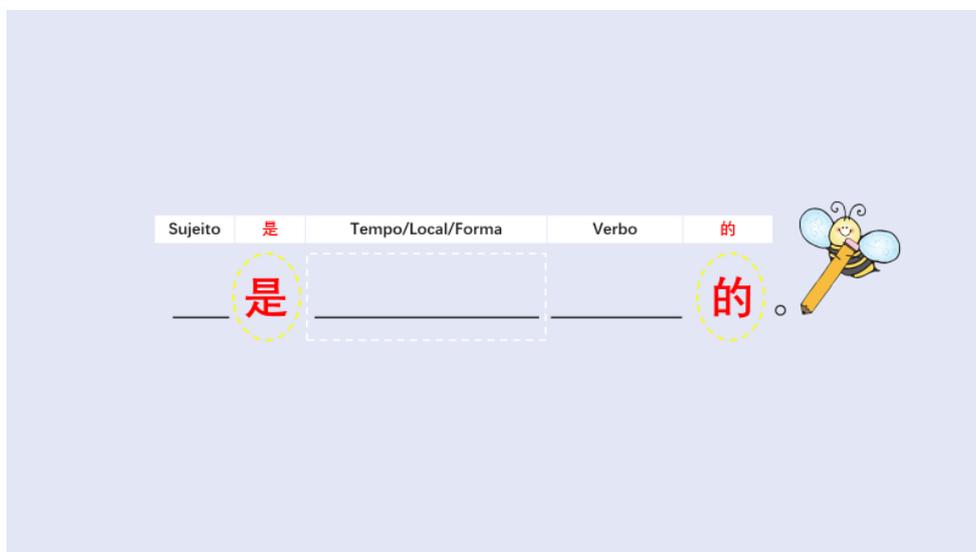
Tendo apresentado os elementos possíveis de enfatizar com a estrutura “是……的”, decidi fazer um pequeno exercício para perceber se os alunos haviam retido a informação. A Figura 8 apresenta três frases, em que em cada uma delas há uma componente diferente a ser destacada. A primeira frase constituiu uma interrogativa para que os aprendentes pudessem compreender, por indução, o funcionamento do ponto gramatical nesta forma.

Três alunos, à vez, leram cada uma das frases e traduziram-na para português e a turma, em conjunto, determinou qual o aspeto em destaque em cada uma das circunstâncias.

Desta forma, pude averiguar o ponto de situação dos alunos. De uma forma geral, chegaram rapidamente à resposta para todos os exemplos.

Figura 9

Quinto slide da aula sobre “是……的”

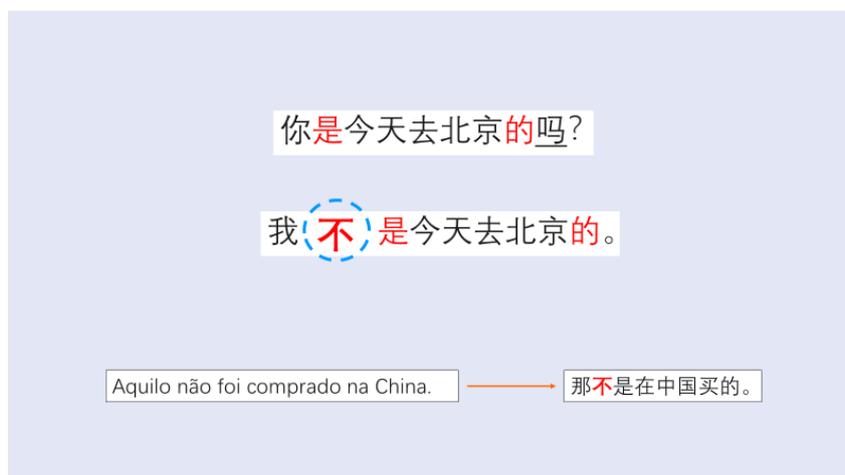


Com o objetivo de garantir que os alunos haviam solidificado o conhecimento previamente adquirido acerca do ponto gramatical e se mostravam capazes de o aplicar, dediquei um diapositivo ao seu trabalho livre e autónomo, como demonstrado na Figura 9.

Aqui, os alunos puderam, independentemente, construir uma frase com recurso à estrutura aprendida sem restrições de vocabulário, podendo explorar as suas competências linguísticas.

Figura 10

Sexto slide da aula sobre “是……的”



Depois de confirmar que os alunos haviam compreendido o propósito e o modo de uso do ponto gramatical, passei para algo mais desafiante: a negativa de “是……的”, apresentada na Figura 10.

Assim, à semelhança do que havia feito inicialmente, apresentei uma frase simples, em chinês, que seriam facilmente capazes de traduzir. Depois, esta foi transformada numa frase com “是……的” e descodificado o seu sentido. Por fim, foi feita a negativa e analisada a diferença entre os dois usos. No caso da afirmativa, a frase mantém o seu significado e resulta com ou sem recurso à estrutura. Pelo contrário, no caso da negativa, para negar que determinada ação ocorreu de certo modo ou em determinado tempo ou local, é imprescindível o uso da estrutura “不是……的”.

Depois da explicação e como via de diagnóstico, coloquei um pequeno exercício no rodapé do diapositivo, onde os alunos puderam traduzir (neste caso de português para chinês) uma frase “不是……的”. Não só se deu o salto para um exercício mais desafiante na medida em que os alunos tiveram de fazer uma construção frásica em chinês, como também na medida em que se tratava da forma negativa do ponto gramatical.

Figura 11

Sétimo slide da aula sobre “是……的”

Pergunta e Resposta



A: 你是怎么来大学的?
B: 我 是开车来大学的。

A: 她是什么时候毕业的?
B: 她 是2014年毕业的。

A: 你是在Porto大学学汉语的吗?
B: 我 不是在Porto大学学汉语的。

Lecionadas as formas afirmativa, negativa e interrogativa (de forma indutiva) da gramática da lição, partimos para a sua aplicação.

O exercício que criei, demonstrado na Figura 11, tinha por base três perguntas, cada uma delas acompanhada por um conjunto de imagens que iria auxiliar os alunos a chegar às suas respostas. Uma vez que, caso contrário, os alunos teriam de convocar demasiados conteúdos, o que poderia dificultar a aprendizagem do ponto, decidi disponibilizar as questões, nas quais estão presentes alguns pronomes interrogativos diferentes (“怎么 e 什么时候”, como e quando). É importante desafiar os alunos para que o ensino não seja monótono, todavia, é mais importante ainda ter noção de quando um desafio poderá ser paralisante para a turma e nível de ensino a si associado. Requerer dos alunos a capacidade de formular perguntas com vários pronomes e formas interrogativas seria o caso.

O objetivo tornou-se então, simplesmente, formular respostas com base nas imagens expostas e com recurso à estrutura “是……的”. Neste exercício, os alunos não só puderam rever vocabulário previamente lecionado, bem como aprender uma palavra nova, o verbo “毕业” (*bìyè*, licenciar-se). É crucial garantir que a turma deixa a sala da aula com a certeza de que aprendeu algo de novo, uma vez que a motivação da mesma para aprender depende de elementos como este.

Para que houvesse uma maior cooperação da turma, a terceira alínea do exercício apresentava duas opções de resposta, e apenas uma delas apareceria no diapositivo após a resolução do exercício, sendo que a segunda seria dada em voz alta coletivamente. A questão colocada foi “你是在 Porto 大学学汉语的?” (Aprendes/aprendeste chinês na Universidade do Porto?). A primeira opção baseava-se em negar a questão colocada, dizendo “我不是在 Porto 大学学汉语的” (Eu não aprendo/aprendi chinês na Universidade do Porto). A segunda solução, mais apelativa para os alunos pois dizia respeito à sua situação pessoal, seria “我是在米尼奥大学学汉语的” (Eu aprendo/aprendi chinês na Universidade do Minho). Como esperado, toda a turma respondeu entusiasticamente à última questão.

Ao longo da resolução do exercício surgiram algumas dúvidas que foram sendo esclarecidas. No final, todos os alunos haviam respondido de forma correta às alíneas apresentadas.

Por último, a fim de dinamizar a aula, apresentei à turma um vídeo cómico. Neste vídeo estava presente um casal, o qual dialogava acerca de um filme que a namorada está a ver. Na

totalidade do diálogo, para realizar perguntas e formular respostas, os participantes recorriam ao ponto gramatical aprendido “是……的”.

Após a visualização do mesmo, pedi aos alunos que respondessem a algumas questões sobre o diálogo (nome do filme, com quem foi visto, quando) e em que ocasiões havia sido usada a gramática da aula.

Todos os alunos participaram livremente e viram na atividade uma oportunidade de contacto com a matéria de forma relaxada.

3.3. Desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino de chinês

Após o primeiro mês de estágio, e tendo sido este dedicado à observação de aulas e materiais, deu-se início ao objetivo final do mesmo: o desenvolvimento de material didático para Cursos Livres de Nível Básico I.

O plano para este desenvolvimento teve por base a entrega de 5 apresentações Powerpoint por mês, sendo que cada uma correspondia a uma lição do livro de HSK1 e, ao final de três meses, correspondendo este prazo com o final do estágio, estariam concluídas as 15 lições presentes no livro.

Para assegurar o sucesso na preparação destas lições foi inicialmente lançado o desafio de criar uma apresentação de introdução à língua chinesa, com factos, curiosidades e pequenas frases como saudações. Este material foi, depois, sujeito a avaliação e revisão por parte da orientadora no estágio, para que esta pudesse discutir sugestões para melhoria do mesmo.

Com base nas orientações e sugestões recebidas, partiu-se para a elaboração das lições acima mencionadas, tendo em conta que, posteriormente a cada entrega, se realizou uma reunião online para que houvesse troca constante de *feedback*, esclarecimento de dúvidas e auxílio por parte da orientadora. Após cada reunião, as lições poderiam ser alteradas e adaptadas aos comentários recebidos.

3.3.1. A formatação e estética dos *slides*

Ainda que *slides* não constituam o centro do ensino, estes compõem uma valiosa ferramenta de apoio ao mesmo.

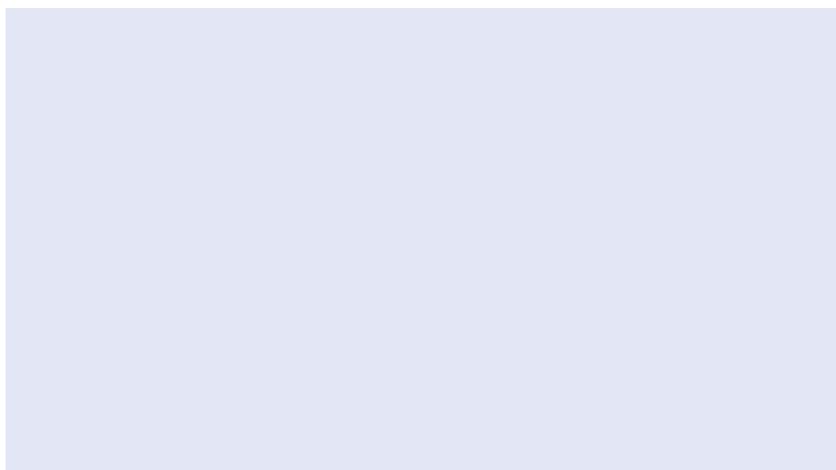
Para que se atinja o potencial máximo da utilidade de apresentações PowerPoint, é importante que se cumpram alguns critérios, não só ao nível de conteúdo presente nos mesmos, como também ao nível da sua estética e dinâmica.

De uma forma geral, há um conjunto de elementos considerados eficazes ou ineficazes no auxílio do ensino/aprendizagem. Aqueles que facilitam a tarefa do professor e dos aprendentes podem passar por gráficos para melhorar a compreensão, organização de slides que dê forma e estrutura à lição a que se refere, ou foco em explicações orais ao invés de clarificações escritas dos conteúdos, pois as últimas serão lidas e é muito improvável que sejam interiorizadas pela turma. Dentro daquelas que poderão dificultar o ensino/aprendizagem, encontram-se a presença de corpo de texto abundante por slide, *templates* com demasiadas cores, texto com tipos de letra rebuscados, e transições desnecessárias que possam quebrar o ritmo da apresentação e/ou ser motivo de distração para os aprendentes.

Estes fatores foram tidos em conta para a criação do padrão a ser utilizado nos *slides* a desenvolver. A definição de um padrão é importante uma vez que a consistência é benéfica para os aprendentes.

Figura 12

Fundo dos slides desenvolvidos



A base escolhida foi uma cor pastel, como se pode verificar na Figura 12, para que não fosse agressiva ao olho ou tornasse a aprendizagem visualmente exaustiva.

Figura 13

Tipo de letra dos slides desenvolvidos



O tipo de letra escolhido, tendo em conta que muito do conteúdo teria de ser escrito em chinês, foi DengXian, representado na Figura 13, pela sua simplicidade e legibilidade. Os destaques foram feitos alternando entre diferentes tamanhos de letra ou formatação de texto (negrito, sublinhado, itálico), chamando mais ou menos a atenção para aspetos, respetivamente, mais ou menos relevantes.

O conteúdo propriamente dito foi disposto em frases curtas, de fácil compreensão, ao invés de parágrafos extensos, pois tal escolha obrigaria o aluno a perder grande parte da aula a ler, em vez de acompanhar atentamente as explicações orais do docente, que deverão ser o foco central da aula. Todas estas explicações foram escritas na língua materna dos alunos, para que fosse de fácil compreensão. Caso fizesse sentido, foram sendo adicionadas imagens relevantes à matéria a ser abordada. É importante que se adicione conteúdo visual apenas caso este seja pertinente, caso contrário constituirá motivo de distração para a turma. A par com este possível problema, encontram-se os áudios, efeitos sonoros, animações ou imagens de fundo visualmente ruidosas, que, usados desnecessariamente, distraem o aprendiz. No entanto, todos estes estímulos, quando usados de forma apropriada, constituem uma excelente ferramenta ao aprofundamento dos conteúdos de aula.

3.3.2. A estrutura e conteúdo dos slides

Como sabemos, as aulas de Gramática e Escrita dos Cursos Livres do Instituto Confúcio da Universidade do Minho são lecionadas, por norma, por docentes portugueses. Por este motivo, e por se tratar de um nível de iniciação, os *slides* encontram-se em português, com pequenas anotações e termos que achei pertinente acrescentar em chinês, tais como “复习” (revisão) ou “跟我读” (lê comigo).

Como constatei no capítulo anterior, o modelo adotado inclina-se mais para uma abordagem tradicional, e foi com base neste facto que desenvolvi os meus materiais com breves explicações e descrições escritas, explicitações de regra e traduções, em concordância com os conteúdos presentes nas lições do manual HSK I. As matérias expostas pelo docente serão muito pragmáticas e resumir e esquematizá-las pode servir de apoio não só para o mesmo enquanto ensina, como também para os alunos.

Ao longo da elaboração dos diapositivos inspirei-me, ainda, em alguns dos Princípios de Instrução descritos por Barak Rosenshine em 2010, os quais irei mencionar ao longo do capítulo.

3.3.2.1. Revisão

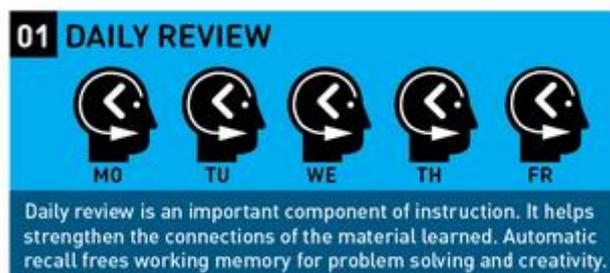
O ato de fazer revisão em contexto de sala de aula apresenta benefícios não só para o professor e o aprendente, como também para a relação entre os mesmos. Para o primeiro, a importância dá-se ao nível da avaliação diagnóstica, uma vez que o docente compreende quais as dificuldades da turma, sabendo o que deverá reforçar e explicar novamente. Para o aluno, uma revisão é relevante pois este consegue perceber quais os conteúdos que esqueceu ou precisa de praticar e tem oportunidade de colocar dúvidas depois de ter já aprendido, revisto e praticado em casa, sendo que há um espaço dedicado para tal. O ato de rever é, também, importante para a relação entre professor/aluno e para a dinâmica de aula dado que a comunicação é bidirecional, ao contrário de grande parte da aula em que, enquanto são lecionados novos conteúdos, o professor é detentor da palavra, mesmo que busque interação por parte dos aprendentes, que confrontados pela primeira vez com matéria nova podem sentir-se mais apreensivos e menos dispostos a participar.

É erróneo considerar que a função principal da revisão tem que ver com o período de avaliações. Ainda para mais, o sistema da língua chinesa dista do nosso, portanto, é preciso memorizar e normalizar na nossa cabeça as matérias para as automatizar.

Para além destes fatores, é importante mencionar que rever com regularidade o conteúdo que vai sendo aprendido é essencial para que este seja retido a longo prazo. Para evitar que este se perca ao longo do tempo, por falta de uso, e garantir que se mantém de fácil acesso na nossa mente, é crucial, ao longo das lições, convocar elementos das lições anteriores.

Figura 14

Primeiro Princípio de Instrução de Rosenshine



Nota. Primeiro Princípio de Instrução de Rosenshine, por Oliver Caviglioli. *Tom Sherrington's division of Rosenshine's principles of instruction into strands - CIRL.* (s.d.). CIRL. <https://cirl.etoncollege.com/tom-sherringtons-division-of-rosenshines-principles-of-instruction-into-strands/>

De acordo com Rosenshine (2010, p. 13), autor do princípio de instrução apresentado na Figura 14, se não for feita revisão, os indivíduos terão de fazer um esforço especial para recordar material antigo ao mesmo tempo que aprendem novo material, o que dificulta esta última tarefa.

De uma forma geral, neste processo, é também fornecida informação sobre as perspetivas dos diferentes membros da turma, desenvolvem-se as competências comunicacionais dos mesmos, o ensino é mais efetivo, pois há esclarecimento de dúvidas, e fortalece-se a comunicação entre o professor e alunos.

No início da cada lição, decidi, por este motivo, criar *slides* de revisão. Estes são, por norma, compostos por uma tabela de vocabulário constituída por palavras da lição anterior, resumos dos seus pontos gramaticais mais importantes e exercícios com os quais os alunos já estão familiarizados. Os conteúdos, uma vez que não estão a ser apresentados pela primeira vez, são expostos de forma menos extensa, sendo que o foco será a participação ativa dos alunos em convocá-los e não uma nova exposição dos mesmos por parte do docente.

Seguem-se exemplos desenvolvidos para o ensino da lição número 12 do manual HSK1.

Figura 15

Tabela de vocabulário

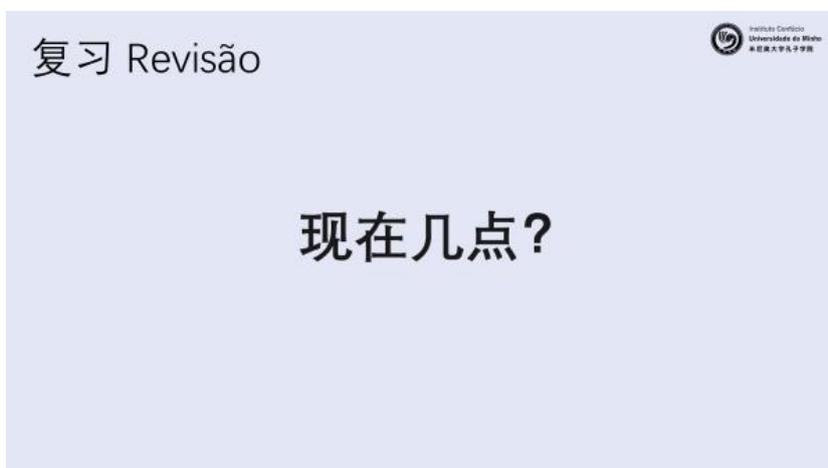


现在	xiànzài	agora
点	diǎn	horas
分	fēn	minutos
中午	zhōngwǔ	meio-dia
吃饭	chīfàn	comer uma refeição
时候	shíhòu	tempo
我们	wǒmen	nós
电影	diànyǐng	filme
住	zhù	viver
前	qián	antes
回	huí	voltar

A revisão, tal como demonstrado na Figura 15, é sempre iniciada pelas palavras novas da lição anterior. No primeiro slide de cada lição coloquei uma tabela com vocabulário, a sua leitura e significado, para que os alunos possam recapitular de forma breve os conceitos aprendidos. Em todas as lições são lecionadas cerca de uma dezena de palavras novas, e é comum que algumas delas, principalmente aquelas que são menos usadas, caiam em esquecimento.

Figura 16

Slide de revisão de pontos gramaticais 1



复习 Revisão

现在几点?

Figura 17

Slide de revisão de pontos gramaticais 2

复习 Revisão

Expressão de tempo

Manhã/Tarde	Horas	Minutos
上午 下午	Nº (1 a 12) + 点 一点 两点 ...	Nº + 分 四分 三十分 ...

11:07 → 上午十一点零 (líng, zero) 七分

Depois do vocabulário, incluí um resumo dos pontos gramaticais da lição anterior. No caso das Figuras 16 e 17, a gramática aprendida foi a expressão de tempo, nomeadamente a pergunta “Que horas são?” (现在几点?) e a estrutura a seguir para expressar tempo em chinês.

Figura 18

Slide de revisão de exercícios 1

复习 Revisão

现在几点?

现在上午七点五十二分。

现在下午三点十二分。

现在中午十二点。

Figura 19

Slide de revisão de exercícios 2



The slide is titled '复习 Revisão' and features three illustrations with corresponding time and text. The first illustration shows a boy reading a book at 10:43, with the text '他上午十点四十三分在学校看书。' and '上午十点四十三分他在学校看书。'. The second illustration shows a woman and a child with a shopping cart at 16:00, with the text '她和儿子下午四点去商店。' and '下午四点她和儿子去商店。'. The third illustration shows a woman cooking at 11:50, with the text '她上午十一点五十分做饭。' and '上午十一点五十分她做饭。'. The word 'ou' is placed between the Chinese and Portuguese sentences for each illustration. The logo of Instituto Confúcio, Universidade do Minho, is in the top right corner.

Para concluir a revisão, acrescentei em todas as lições alguns slides com exercícios de aplicação dos pontos gramaticais principais da lição ou lições anteriores. Não só é conveniente que os alunos se recordem das estruturas aprendidas, como também de como as aplicar.

O primeiro exercício, presente na Figura 18, é bastante simples, e trata-se de uma aplicação direta dos conteúdos aprendidos. É feita a pergunta “Que horas são?” e o aluno, analisando os relógios apresentados, tem apenas de expressar os tempos em questão.

O segundo exercício, apresentado na Figura 19, é já uma conjugação da expressão de tempo com construção frásica e exige noções sobre a língua chinesa. Neste, o aluno, com base nas imagens e horas apresentadas, constrói frases que incluam os sujeitos, ações e horas a que estas são desempenhadas.

3.3.2.2. Oralidade

Depois da revisão, incluí em todas as lições uma tabela com sons e tons chineses a ser aprendidos e praticados em cada uma delas. Apesar de os *slides* que desenvolvi se destinarem ao ensino da Gramática e Escrita, é importante, num nível inicial, estabelecer a ponte entre os diferentes aspetos da língua, e abordar estes conteúdos com frequência. A língua portuguesa é muito diferente da chinesa e não é possível encontrar nela os tons e sons da última. Com contacto prévio com as especificidades da componente oral da língua, os alunos terão mais facilidade nas

aulas de Oralidade e Audição, que, em teoria, se seguirão sempre às aulas de Gramática. Por este motivo, optei por incluir estas tabelas nos meus materiais.

Figura 20

Explicação do tom neutro



Lê comigo! — 跟我读!

Função de sílabas com **tom neutro**: expressão de diferentes significados

老子	lǎozi » pai	Lǎozǐ » Lao-tsu, filósofo chinês
买卖	mǎimai » negócio	mǎimài » comprar e vender
大意	dàyi » descuidado	dàyì » ideia geral

O exemplo apresentado na Figura 20 constitui uma tabela sobre o tom neutro em chinês, fornecendo aos alunos uma breve noção sobre o mesmo e o seu funcionamento.

Figura 21

Explicação de sons aspirados e não aspirados¹¹



Lê comigo! — 跟我读!

Sons **não aspirados** vs. Sons **aspirados**
 b — p, d — t, g — k, j — q, z — c, zh — ch

bàng — pàng	dù — tù	gǒu — kǒu
jī — qī	zè — cè	zhuō — chē

¹¹ Sons aspirados: aqueles que, quando produzidos, são acompanhados pela emissão de um sopro de ar; são exemplo “p”, “t”, “k”, “q” e “ch”.

Sons não aspirados: não são acompanhados de exalação de ar; são exemplo “b”, “d”, “g”, “j”, “z” e “zh”.

Na Figura 21, por sua vez, é apresentado um exemplo relacionado com sons. Os sons aspirados e não aspirados são de essencial abordagem aquando da aprendizagem da língua.

3.3.2.3. Vocabulário novo

Todas as quinze lições do manual HSK1 apresentam três diálogos com vocabulário e temas novos. Por este motivo, recorri a estes diálogos para apresentar estes novos conceitos.

Numa fase inicial, os alunos ouvem o áudio correspondente ao diálogo que se encontra a ser projetado, acompanhado de *pinyin*, sem qualquer introdução aos seus conteúdos.

Após o ensino de todo o vocabulário e pontos gramaticais presentes no diálogo, o mesmo volta a ser apresentado, numa circunstância em que os alunos já o podem compreender e traduzir na totalidade.

Figura 22

Slide com diálogo

在教室 — Na sala de aula

Instituto Confúcio
Universidade de Minho
孔子学院

Tā shì shéi?
A: 她是谁?

Tā shì wǒ de hànyǔ lǎoshī, tā jiào Lǐ Yuè.
B: 她是我的汉语老师，她叫李月。

Figura 23

Slide com palavra nova



Após a primeira reprodução dos áudios referentes aos diálogos, semelhantes àquele representado na Figura 22, são apresentadas as palavras novas presentes nos mesmos, tal como demonstrado na Figura 23. Esta apresentação consiste não só nos caracteres, como também nas suas leituras, ordens de traços, ou seja, ordem pela qual deverão ser escritos, por extenso e em animação GIF, e origem, uma vez que uma noção sobre a história do carácter pode ajudar na memorização do mesmo, bem como suscitar o interesse e atenção dos alunos.

Figura 24

Slide com funções da palavra nova

谁 (shéi): quem
pronome interrogativo

O pronome “谁” é usado para perguntar sobre o nome ou identidade de alguém.

Sujeito	Verbo	Objeto	
谁	是	李月?	Quem é a Li Yue?
她	是	谁?	Quem é ela?
他	是	谁?	Quem é ele?

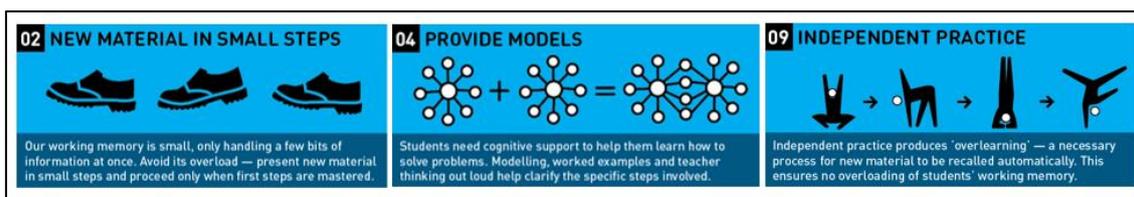
Por fim, como demonstrado na Figura 24, são sempre mostrados exemplos que incluem as palavras novas, para que os alunos saibam não só o seu significado, bem como em que contexto as utilizar.

3.3.2.4. Pontos gramaticais e exercícios

Os *slides* para o ensino e prática dos pontos gramaticais de cada lição tiveram em conta três dos dezassete princípios propostos por Rosenshine, sendo estes “Novo material por pequenos passos”, “Providenciar modelos” e “Prática e independente”.

Figura 25

Segundo, quarto e nono Princípios de Instrução de Rosenshine



Nota. Segundo, quarto e nono Princípios de Instrução de Rosenshine, por Oliver Caviglioli. *Tom Sherrington's division of Rosenshine's principles of instruction into strands - CIRL.* (s.d.). CIRL. <https://cirl.etoncollege.com/tom-sherringtons-division-of-rosenshines-principles-of-instruction-into-strands/>

O primeiro princípio ilustrado na Figura 25 defende que não se deve sobrecarregar a nossa memória funcional e, portanto, a informação deve ser apresentada por passos.

O exemplo que se segue nas Figuras 26, 27 e 28 diz respeito à gramática “了” (le) e segue o princípio mencionado na medida em que, numa fase inicial, é ensinada a função da gramática, de seguida prossegue-se para a resolução de exercícios sobre a mesma e, só depois de dominada, é feita uma explicação sobre a sua negação que será sucedida por exercícios de aplicação.

Figura 26

Explicação do ponto gramatical “了”

了

Ocorrência ou término de uma ação
Fim da frase

Sujeito	Predicado	了
我	去商店	了。
他	去学开车	了。
你	买什么	了?

了

Ocorrência ou término de uma ação
Meio da frase

Sujeito	Verbo	了	Número + Classificador / Adjetivo / Pronome	Objeto
她	买	了	一点儿	苹果。
我	买	了	不少	衣服。
你	看见	了	几个	人?

Figura 27

Exercícios sobre o ponto gramatical “了”

Organizar frases

今天早上我吃了一个苹果。

我和朋友看了一部电影。

王小姐来了!

你昨天做什么了?

Colocar o 了 no espaço correto

她学 了 35个汉字 。

我去 医院 了。

我买 了 一些苹果 。

我们吃 了 饭 了。

Figura 28

Explicação da negativa do ponto gramatical “了” e exercícios

了

Forma Negativa

Sujeito	没	Predicado
她	没	去商店。
我	没	买。
我	没	看见张先生。

Traduzir Frases

Ontem não vi televisão. 昨天我没看电视。

Ela não foi à loja comprar livros. 她没去商店买书。

Nós, em agosto, não viemos à escola ter aulas. 我们八月没来学校上课。

Como é que tu não comeste?! 你怎么没吃饭?

Segundo Rosenshine (2010), os estudantes precisam de apoio cognitivo que os auxilie na aprendizagem, e tal poderá passar por modelos, exemplos ou pensamentos em voz alta do orador. No seguimento deste princípio, e no âmbito de facilitar o ensino e aprendizagem, optei por incluir exemplos de possíveis aplicações para todos os pontos gramaticais das lições, como é possível verificar nos exemplos acima.

Ainda segundo o autor, para que seja possível convocar automaticamente os materiais aprendidos, os aprendentes precisam de praticar as matérias aprendidas de forma independente ou com pouca assistência do docente. Assim sendo, construí exercícios para serem resolvidos à medida que os pontos gramaticais são ensinados, cujo propósito é serem solucionados independentemente pelos alunos e, posteriormente, corrigidos em conjunto.

3.3.2.5. Estímulos

O ensino e aprendizagem da língua podem ser suportados pelo exercício de capacidades não só verbo-linguísticas, mas também lógico-matemáticas, espaciais, musicais, corporais-cinestésicas, intrapessoais, interpessoais e naturalistas. Gardner (1983) descreve as diferentes formas pelas quais os aprendentes adquirem informação, as quais vão desde o uso de músicas ao recurso a imagens, para a exploração e prática diferentes do mesmo conteúdo e ativação das diferentes potencialidades dos alunos. Tal aumenta não só a probabilidade de todos os alunos serem bem sucedidos nesta aprendizagem, aumenta também a probabilidade da abordagem das temáticas ser mais rica e aprofundada.

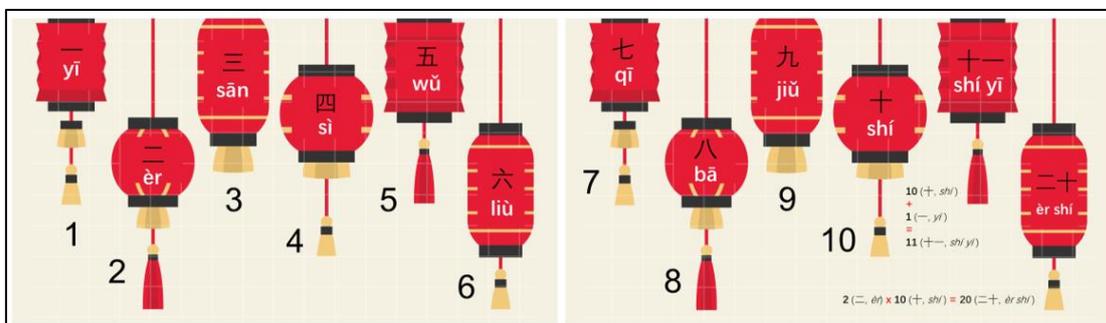
O modo como uma matéria é apresentada, quando versátil e com grande variedade de estímulos, pode também tornar as aulas menos entediantes. Uma vez que os processos e estratégias psicológicas afetam os resultados do ensino e da aprendizagem de uma língua, e sendo que um aluno entusiasmado e curioso é um aluno motivado, este fator terá influência positiva no seu sucesso escolar e no quão duradoura é a memorização dos conteúdos aprendidos.

Tendo em conta estes fatores, bem como a diversidade de aprendentes e estratégias aplicáveis aos mesmos, e no âmbito de chegar aos alunos que precisam de estímulos diferentes dos tradicionais para apresentar o seu potencial, optei por incluir jogos, materiais audiovisuais, diálogos a pares e elementos culturais nos meus *slides*.

As figuras que se seguem ilustram alguns dos exemplos:

Figura 29

Ensino dos números com lanternas chinesas



O ensino acompanhado de elementos culturais desperta a curiosidade e interesse dos aprendentes e considerei, assim, pertinente a sua inclusão nos meus materiais, como demonstrado na Figura 29.

Figura 30

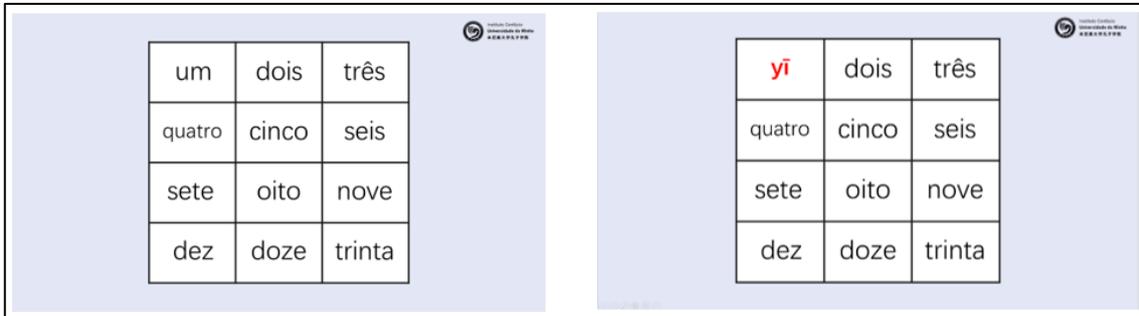
Ensino dos números com música



Materiais de índole musical à semelhança daqueles apresentados na Figura 30 podem constituir uma ferramenta para a memorização de novas palavras e expressões.

Figura 31

Jogo sobre os números



Como demonstrado na Figura 31, neste jogo, os alunos podem escolher um número e dizê-lo em chinês, acionando uma animação que desvenda um bloco com a solução. Pode ser, desta forma, feita uma competição por grupos, com sistema de pontos por cada resposta correta.

Figura 32

Vídeo sobre a expressão “请问”



A Figura 32 apresenta uma explicação acompanhada de ilustrações e movimento, capaz de quebrar a monotonia associada a um ensino que carece deste tipo de estímulo e auxiliar a solidificação do conteúdo apresentado. No exemplo acima, o vídeo inclui uma falante chinesa, para garantir contacto com a perspetiva nativa da língua.

Figura 33

Exemplo de diálogo a pares

Trabalho a pares: Pergunta e Resposta

Ní shì nǎ guó rén?
你是哪国人?

Wǒ shì _____ rén. Nǐ ne?
我是_____人。你呢?

Portugal: 葡萄牙 Pútáoyá
Brasil: 巴西 Bāxī

A realização de diálogos a pares semelhantes àquele demonstrado na Figura 33 pode, por um lado, dinamizar a aula e, por outro lado, contribuir para um bom ambiente intraturma uma vez que os alunos não só têm de formular respostas segundo os pontos gramaticais aprendidos, como também interagir entre si. No exemplo apresentado, os colegas ficam a conhecer a nacionalidade do seu par.

3.3.2.6. Exercícios-Resumo

Figura 34

Exemplo de exercício de final de aula

xiǎo māo zài yǐzi shàng
小猫在椅子上。

érzi zài yǐzi xià
儿子在椅子下。

Wǒ māma shì yīshēng , tā zài yīyuàn gōngzuò
我妈妈是医生，她在医院工作。

Wǒ nǚ'ér shì xuéshēng tā bù gōngzuò
我女儿是学生，他不工作。

Antes do término de cada lição, como se pode verificar na Figura 34, procedi à inclusão de um exercício à semelhança daqueles presentes no manual de apoio. Estes exercícios incluem vocabulário novo e/ou pontos gramaticais da lição em questão. O objetivo é que os alunos consigam recordar-se dos diversos temas aprendidos e aplicá-los de forma rápida no fim da aula em forma de revisão geral.

3.3.2.7. Trabalho para casa

Por fim, incluí em todas as lições *slides* com exercícios para trabalho de casa. Por norma, estes são de composição escrita, uma vez que, durante as aulas os alunos não têm muito espaço para praticar esta componente. Em cada lição, o trabalho de casa a realizar era feito de acordo com as temáticas abordadas e de forma a incluir os pontos gramaticais aprendidos.

Figura 35

Exemplo de trabalho para casa 1

The slide is titled "作业: Trabalho para casa" (Homework: Home Work). It features a logo for Instituto Dom Bosco, Universidade de Milano, and 米兰理工大学 in the top right corner. The main content includes a writing prompt and a vocabulary table.

作业: Trabalho para casa

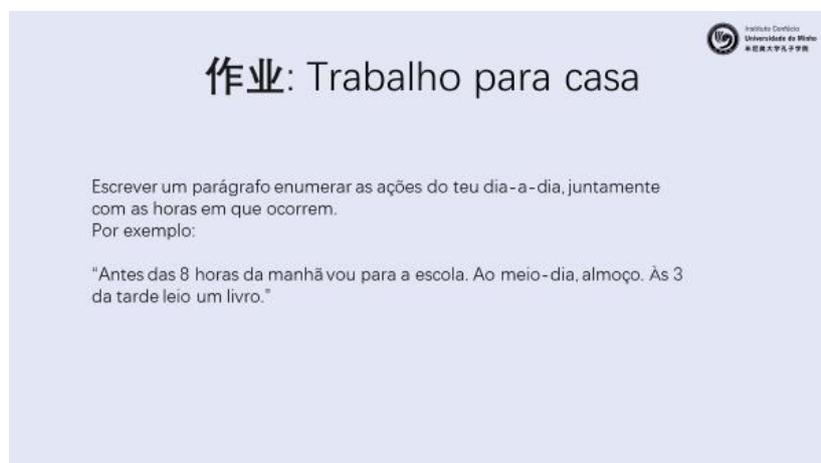
Escrever possível diálogo entre funcionário de um restaurante e cliente, com questões sobre o que este quer comer, preços, etc.

água 水 shuǐ	arroz 米饭 mǐfàn	banana 香蕉 xiāngjiāo	batatas fritas 炸薯条 zhà shǔ tiáo
bolo 蛋糕 dāngāo	chá 茶 chá	(carne de) galinha 肌肉 jīròu	(carne de) porco 猪肉 zhūròu
(carne de) vaca 牛肉 niúròu	espaguete 意大利面 yìdàlì miàn	fruta 水果 shuǐguǒ	hambúguer 汉堡包 hànǎobāo
laranja 橘子 júzi	legumes 菜 cài	leite 牛奶 niúniǎo	
maçã 苹果 píngguǒ	massa 面条 miàntiáo	peixe 鱼 yú	

Depois de aprender termos que dizem respeito a tipos de comida e alimentos, e noções de como funciona um diálogo em contexto de estabelecimento de restauração, os aprendentes têm, como demonstrado na Figura 35, neste trabalho de casa, a tarefa de aplicar o que aprenderam de forma escrita e independente, com o apoio de uma tabela com possíveis conceitos a incluir no diálogo.

Figura 36

Exemplo de trabalho para casa 2



作业: Trabalho para casa

Instituto Confúcio
Universidade do Minho
孔院 暨 葡语学院

Escrever um parágrafo enumerar as ações do teu dia-a-dia, juntamente com as horas em que ocorrem.
Por exemplo:

"Antes das 8 horas da manhã vou para a escola. Ao meio-dia, almoço. Às 3 da tarde leio um livro."

No trabalho de casa representado na Figura 36, espera-se dos aprendentes uma escrita mais extensa. As diretrizes são acompanhadas de um exemplo para os mesmos terem um molde a seguir e, tratando-se da descrição da situação própria e pessoal da vida de cada um, a tarefa é facilitada pois é uma temática com a qual estão familiarizados. Na lição em questão, os alunos aprendem a expressão de tempo e palavras para a formulação de sequências, sendo esperada a sua aplicação e consolidação.

3.4. Principais dificuldades

A minha experiência no ensino dividiu-se em duas vertentes: a cultural, com alunos do ensino básico, e a do chinês, com aprendentes adultos.

Na primeira, a principal dificuldade teve que ver com o desafio de chegar a todos os alunos e captar a sua atenção, dada a idade dos mesmos e a dimensão das turmas que visitei. É difícil, num primeiro contacto, encontrar estratégias e aprender a fazer uma adaptação rápida a uma diversidade tão grande de alunos e dinâmicas de turma.

Na segunda, no entanto, posso afirmar que não encontrei quaisquer obstáculos ao sucesso da experiência de lecionação, uma vez que pude contar com a colaboração de toda a turma, que me recebeu de forma calorosa e contribuiu para um bom ambiente em sala de aula, onde todos puderam participar, aprender e esclarecer as dúvidas que foram surgindo ao longo do

ensino. Apesar de ter sido a minha primeira experiência formal na área, todos os alunos fizeram questão de me tranquilizar, deixando de lado toda a ansiedade que a situação pudesse trazer.

No que diz respeito ao desenvolvimento de materiais didáticos, as maiores dificuldades surgiram ao nível dos estímulos. Ciente de que o conteúdo era destinado a aprendentes adultos, foi, por vezes, complicado encontrar uma forma de diversificar as aulas sem as infantilizar, uma vez que maior parte do material com o qual tive contacto durante a observação era destinado a crianças ou aprendentes jovens. Assim, os jogos, atividades e materiais audiovisuais tiveram de ser escolhidos e/ou desenvolvidos de raiz tendo em conta este fator.

Outra das grandes dificuldades foi, para mim, criar materiais que pudessem ser utilizados por qualquer docente. O material tem de ser simples, a forma como este se utiliza tem de ser clara e tem de cobrir todos os conteúdos abordados no manual HSK 1 que os docentes possam querer referenciar e explorar. Ultrapassados estes obstáculos, e tendo a opção de consultar um manual para me orientar, os restantes aspetos do desenvolvimento dos materiais tornaram-se bastante alcançáveis.

Conclusão

Ao longo dos quatro meses de estágio no Instituto Confúcio da Universidade do Minho, tive a oportunidade de experienciar um pouco daquilo que significa ser um professor de chinês como língua estrangeira. Quando ingressei na licenciatura de Estudos Orientais: Estudos Chineses e Japoneses da Universidade do Minho, e posteriormente no Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial, tinha como objetivo principal tornar-me proficiente na língua chinesa com a finalidade de seguir a via do seu ensino no meu futuro profissional e, por este motivo, esta oportunidade de estágio mostrou-se bastante proveitosa para o meu percurso.

Durante a realização do estágio, os conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado constituíram uma mais-valia à execução das tarefas que me foram propostas, nomeadamente as temáticas abordadas no âmbito das unidades curriculares de Fundamentos de Ensino de Português e Chinês Línguas Estrangeiras e Aspetos Sociolinguísticos da Escrita Chinesa e Tradução Intercultural. O tipo de materiais que desenvolvi era destinado a aprendentes de Nível Básico I, pelo que o recurso às noções adquiridas durante o mestrado foi crucial para perspetivar a tarefa de um ponto de vista do docente, ao invés do ponto de vista de um aprendente que já possui um nível de proficiência mais elevado na língua a ser ensinada.

Na elaboração do relatório confrontei-me com algumas dificuldades, principalmente ao nível procura de informação que sustentasse as estratégias utilizadas no Instituto Confúcio da Universidade do Minho, nomeadamente conhecimento sobre a eficácia das estratégias de ensino na área do chinês como língua estrangeira, bem como conhecimento sobre o papel de professores que partilhem a mesma língua materna que os aprendentes no ensino de chinês. Destaco, ainda, a pesquisa por fontes integralmente redigidas em chinês. Alguns destes obstáculos foram contornados não só com base da minha experiência pessoal como aprendente de chinês, como também através das noções arrecadadas durante o primeiro mês de estágio curricular na observação de aulas do Instituto Confúcio.

Uma das principais dificuldades encontradas ao longo deste período foi, também, a busca por estratégias que pudessem apresentar bons resultados no ensino de aprendentes adultos, uma vez que os materiais que desenvolvi teriam de ser passíveis de ser utilizados tanto em turmas com jovens universitários, como em turmas compostas por alunos de faixas etárias mais avançadas. Estando familiarizada com conteúdos destinados maioritariamente a crianças e jovens, tive de me distanciar daquilo que considerava normativo.

Por outro lado, também foi bastante desafiante contactar com turmas de diferentes idades e contextos socioculturais e tentar adaptar-me ao ambiente e dinâmicas presentes nas mesmas, sendo que, em tais contextos, é imperativo assumir posturas e abordagens diferentes para chegar a todos os alunos e cativar a sua atenção, de forma a conseguir gerir a atividade da turma. Por este motivo, gostaria que o contacto tivesse sido suficientemente prolongado para poder tirar conclusões sólidas sobre o funcionamento dos diversos tipos de turmas existentes.

Como maior ponto positivo, aponto aquilo que considero um sucesso na experiência de lecionação. Foi bastante gratificante ter a oportunidade de ensinar a língua e cultura chinesas e sentir que fui bem recebida e que o ensino foi efetivo.

Este trabalho contribuiu, em suma, para o enriquecimento do meu conhecimento sobre o ensino de chinês como língua estrangeira e diferentes abordagens de que é possível tirar partido aquando deste ensino.

Bibliografia

- Ahmed, M. K. (2018). Multimedia Aided Language teaching: An ideal pedagogy in the English language teaching of Bangladesh. *American International Journal of Social Science Research*, 3(1), 39–47.
- Aires, D. M. D. R., & Mozzillo, I. (2018). *A influência da língua materna para a aprendizagem de língua estrangeira: ideologias linguísticas sobre o contato de línguas*. *ScientiaTec*, 5(2), 206–220.
- Alshammari, M. M. (2011). *The Use Of The Mother Tongue In Saudi EFL Classrooms*. *Journal of International Education Research (JIER)*, 7(4), 95–102.
- Brooks-Lewis, K. A. (2009). *Adult Learners' Perceptions of the Incorporation of their L1 in Foreign Language Teaching and Learning*. *Applied Linguistics*, 30(2), 216–235.
- Çekrezi, R. B., & Papa, L. G. (2014). *Teaching Foreign Languages to Adult Learners*. *European Scientific Journal, ESJ*, 17.
- Chen, Q. (2021). *Analysis of Chinese Language and Literature Teaching Based on Computer Multimedia Technology*. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*.
- Feng, L., Eamoraphan, S.. (2018). A Comparative Study of Thai Adult Learners' Attitudes Toward Learning Chinese Culture in Chinese as a Foreign Language Class Among Three Levels: Beginner, Intermediate and Advanced at a Chinese Learning Center in Bangkok, Thailand. *Scholar: Human Sciences*, 12(2), 265–283.
- Dassanayake, N. (2021). *Optimal Use of L1 and L2 in Teaching Chinese to Sri Lankan Students: Approaches and Challenges*. *Studies in Learning and Teaching*, 2(3), 21–32.
- de Morais Filho, E. P., & Pinheiro-Mariz, J. (2020). *O Lugar da Língua Materna No Ensino De Línguas Estrangeiras: Algumas Representações de Professores*. *Revista X*, 15(7), 138.

- Du, X., Zhao, K., Ruan, Y., Wang, L., & Duan, X. (2017). *Beginner CFL learners' perceptions of language difficulty in a task-based teaching and learning (TBTL) environment in Denmark*. *System*, 69, 108–120.
- Fang, H. (2018). *The Path and Orientations of Adult Foreign Language Education under the Perspective of the Belt and Road Initiative*. Proceedings of the 2018 8th International Conference on Management, Education and Information (MEICI 2018).
- Gaeini, M., Basirizadeh, F. (2011). *The Role of Culture in Language Teaching*. [Paper presentation]. Conference: Proceedings of ICERI2011 Conference. Madrid, Spain.
- Gao, X. (2020). Teachers' perceptions of effective strategies for developing intercultural competence. *Global Chinese (Print)*, 6(2), 333–358.
- Gardner, H. (1983). *Frames of mind: the theory of multiple intelligences*. New York, Basic Books.
- Halliday, M. (2014). *Notes on teaching Chinese to foreign learners*. *Journal of World Languages*, 1(1), 1–6.
- Hermira, Sonia (2015), *Destrezas o actividades comunicativas de la lengua: manual de instrucciones in AA.VV., La Formación del Profesorado de Español*. Innivación y reto. Barcelona: Difusión, pp. 70-78.
- Jalaluddin, J. (2022). *Using L1 in the teaching of English as a foreign language*. *AMCA Journal of Education and Behavioral Change*, 2(1), 22–27.
- Jiang, Liping. (2014). *HSK Standard Course 1 (Chinese and English Edition)* (1st ed.). Beijing Language & Culture University Press, China.
- Jiang, W. (2000). The relationship between culture and language. *ELT Journal*, 54(4), 328–334.
- Kovács, G. (2017). *Culture in Language Teaching*. *Acta Universitatis Sapientiae, Philologica*, 9 (3), 73–86.

- Krashen, S. D. (1981). *Second language acquisition and Second language learning*. Pergamon Press.
- Lindner, K. T., Nusser, L., Gehrer, K., & Schwab, S. (2021). *Differentiation and Grouping Practices as a Response to Heterogeneity – Teachers' Implementation of Inclusive Teaching Approaches in Regular, Inclusive and Special Classrooms*. *Frontiers in Psychology*, 12.
- Li, C., Chen, L., Ma, C., Zhang, S., & Huang, H. (2021). *Strategy Use Among Chinese as Second Language Learners in Mainland China From the Mediation Theory Perspective*. *Frontiers in Psychology*, 12.
- Li, Y. (2021). Qian tan duiwai hanyu jiaoxue zhong de wenhua yinsu [A brief discussion on cultural factors in teaching Chinese as a foreign language]. *Love, Marriage and Family Education Research*, 1, 27-28.
- Liu, Y.(2009). *Learning and Teaching Chinese Language and Culture in Dublin: Attitudes and Expectations*. Masters dissertation Technological University Dublin.
- Mart, Ç. R. T. R. (2013). *The Facilitating Role of L1 in ESL Classes*. *The International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, 3(1), 585–591.
- Martins, P. S. (2007). *Das relações de poder e ideologia no ensino de uma L2*. *Linguagens & Cidadania*, 9(1).
- Masih, A. (2020, June 21). *Students' Preferences Between Blackboard Teaching and PowerPoint Presentations: A Cross-Sectional Survey | International Healthcare Research Journal*.
<https://ihrjournal.com/index.php/ihrj/article/view/350>
- Orlandi, E. P. (2022). *O Que é Linguística?* Brasiliense.
- Papa-Gusho, L., & Biçaku-Çekrezi, R. (2015). Factors that Affect Effective Planning Skills of the Teacher in the Classrooms. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*.

- Qiao, Y. (2019). Qian xi jiaoshi zai jiang muyu fenbie zuowei xuesheng di yi yuyan he di er yuyan jiaoxue shi de zhongdian—yi han yuyan de jiaoxue wei li [A brief analysis of the focus of teachers when teaching students' mother tongue as their first language and second language respectively—taking Chinese language teaching as an example]. *Jiao Yu Yan Jiu (Print, Singapore)*, 2(9), 47-48.
- Ren, J. (2016). Yuyan yu wenhua: Duiwai hanyu jiaoxue yinggai jiao shenme [Language and Culture: What should be taught in teaching Chinese as a foreign language]. *The 22nd ACPSS International Conference*, 1.
- Rosenshine, B. (2010). *Principles of instruction*, Educational practices series; Vol.:21; 2010. The International Academy of Education, 21(2010).
- Şenel, M. (2010). *Should Foreign Language Teaching be Supported by Mother Tongue*. *Journal of Language and Linguistic Studies*, 6(1), 110–120.
- Sherrington, T., (2019). *Rosenshine's Principles in Action*. Suffolk: John Catt Educational Ltd.
- Sun, L. (2013). *Culture Teaching in Foreign Language Teaching*. Theory and Practice in Language Studies, 3 (2).
- Tang, M. (2019). Research on the Chinese language and literature teaching assisted by computer multimedia technology. *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering*, 569(5), 052026.
- Twitchell, S., Cherry, K. E., & Trott, J. W. (1996). *Educational Strategies For Older Learners: Suggestions from Cognitive Aging Research*. *Educational Gerontology*, 22 (2), 169–181.
- Wang, D. (2010). *A Study of English as a Lingua Franca in Teaching Chinese to Speakers of Other Languages*. *The International Journal of Learning: Annual Review*, 17(6), 257–272.

- Wang, D. (2013). *The Use of English as a Lingua Franca in Teaching Chinese as a Foreign Language: A Case Study of Native Chinese Teachers in Beijing*. *Language Alternation, Language Choice and Language Encounter in International Tertiary Education*, 161–177.
- Wang, H., Ren, J., Liu, Y. (2023). Guoji waiyu jiaocai yuyan yu wenhua neirong yanjiu zongshu [Linguistic and Cultural Content in Foreign Language Textbooks: A review study]. *Xian Dai Yu Yan Xue*, 11(06), 2463–2470.
- Wouk, M. D. D. (2010, November 11). *Os Exercícios Estruturais no Ensino de Uma Língua*. *Revista Letras*, 19.
- Wu, Y., Su, C., & Wei, H. (2020). A study on the application of computer multimedia in Chinese teaching of higher vocational colleges. *Journal of Physics: Conference Series*, 1533(2), 022059.
- Xiong, S., & Eamoraphan, S. (2020). *A Study of Adult Learners' Attitudes Towards Native and Non-Native Chinese Speaking Teachers According to Their Learning Levels in a Chinese Language Academy in Bangkok, Thailand*. *Scholar: Human Sciences*, 12(1), 232.
- Yang, W. (2013). Application and optimization of multimedia in preparatory Chinese teaching. *Information Technology Journal (Print)*, 12(21), 6502–6505.
- Yang, X., Zeng, L., & Xu, Z. (2021). *An investigation of the language learning strategies used by Brazilian students learning Chinese as a foreign language*. *Heliyon*, 7(7), e07476.

Webgrafia

- Mcdaniel, R. (2010, 23 de agosto). *Making Better PowerPoint Presentations*. Vanderbilt University. <https://cft.vanderbilt.edu/guides-sub-pages/making-better-powerpoint-presentations/>
- 5 Best Practices For Making Awesome PowerPoint Slides*. (n.d.).
<https://www.linkedin.com/business/learning/blog/productivity-tips/5-best-practices-for-making-awesome-powerpoint-slides>
- Paradi, D., & Paradi, D. (2013, 9 de julho). *Lesson 4 – The KWICK Method for creating persuasive visuals | Think Outside The Slide*. Think Outside the Slide.
<https://www.thinkoutsidetheslide.com/lesson-4-the-kwick-method-for-creating-persuasive-visuals/>
- Nobes, R. (2023, 12 de março). *The importance of regular review for long-term learning*. My College. https://my.chartered.college/impact_article/the-importance-of-regular-review-for-long-term-learning/
- MindTools | Home*. (n.d.). <https://www.mindtools.com/aiz7df1/review-strategies>
- Filosofia da linguagem (6): Austin e Searle e os atos de fala*. (n.d.). UOL Educação.
<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-da-linguagem-6-austin-e-searle-e-os-atos-de-fala.htm>
- Da Silva, J. M. V. (2020, 15 de julho). *O tratamento das abordagens tradicional e comunicativa no livro didático de língua estrangeira (espanhol)*. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento.
<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tradicional-e-comunicativa>

J. (2020, 14 de janeiro). *Tom Sherrington's division of Rosenshine's principles of instruction into strands - CIRL*. CIRL. <https://cirl.etoncollege.com/tom-sherringtons-division-of-rosenshines-principles-of-instruction-into-strands/>

Instituto Confúcio / Home. (n.d.). <http://www.confucio.uminho.pt/>

Anexos

Anexo I – Ficha de apreciação de desempenho de estágio



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Departamento de Estudos Asiáticos

FICHA DE APRECIÇÃO DE DESEMPENHO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM ESTUDOS INTERCULTURAIS PORTUGUÊS/CHINÊS: TRADUÇÃO, FORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL

(A preencher pelo Coordenador de Estágio)

Nome do Estagiário: Maria Francisca Machado Olim Marote Henriques

Nome da Empresa: Instituto Confúcio da Universidade do Minho

Coordenador de Estágio: Bárbara Cláudia Urze de Araújo

E-mail do coordenador: barbara.araujo@confucio.uminho.pt **Tlf.:** 253604160

Para cada um dos fatores apresentados, classifique o desempenho do estagiário de acordo com a seguinte escala:

1 – Mau; 2 – Insuficiente; 3 – Suficiente; 4 – Razoável; 5 – Bom; 6 – Muito Bom;

N.a. – não se aplica

Fator	Desempenho						
	1	2	3	4	5	6	N.a.
Tarefas Desempenhadas				x			
Conhecimentos evidenciados				x			
Iniciativa					x		
Posicionamento perante dificuldades					x		
Aprendizagem					x		
Aperfeiçoamento do desempenho					x		
Relação com as chefias						x	
Relação com os colegas						x	

Parecer:

A Maria Francisca demonstrou ser uma estagiária motivada para a língua e cultura chinesas, tentando desde o início assistir a variadas aulas de mandarim, lecionadas em vários projetos e com discentes de diferentes faixas etárias. Foi capaz de identificar as várias técnicas e métodos educacionais usados em todas as diferentes turmas. Revelou ter mais empatia com adultos, tendo, a partir daí, desenvolvido as suas apetências junto das turmas dos Cursos Livres de Língua Chinesa do Instituto Confúcio da Universidade do Minho.

Foi convidada a desenvolver vários materiais de apoio à lecionação das aulas dos cursos antes mencionados, nível básico, aceitando com positivismo todas as críticas construtivas. Estas, permitiram um desenvolvimento evidente na apresentação final dos materiais.

Teve também oportunidade de lecionar na turma de "Básico I", do Curso de Língua e Cultura Chinesas, onde aplicou técnicas que lhe foram transmitidas ao longo do estágio. Apesar de haver ainda algumas questões que poderá trabalhar e amadurecer, tornou-se evidente a absorção de toda a aprendizagem.

Data: 19 de janeiro de 2023

Assinatura: 